

EM BUSCA DO HOMEM NOVO



Richard Simonetti
Sérgio Lourenço - Therezinha Oliveira

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

1. [mt](#)
2. [Richard Simonetti](#)
3. [Sérgio Lourenço](#)
4. [0 PROBLEMA DO CARPINTEIRO \(Lucas, 2: 1 a 7\)](#)

EM BUSCA DO HOMEM NOVO 4ª Edição 1992 - 16° ao 18,4° milheiro Capa do livro: Milton Puga.

**Impressão da capa: Gráfica "São João" - Bauru - SP 5ª Edição 1994 -18,5° ao 22° milheiro
Capa do livro: Nori Figueiredo Ilustração da capa: Desenho de Leonardo da Vinci, estudando as
proporções da figura humana no renascimento, buscando o modelo de um novo homem.**

Edição e Distribuição:

editora

Maria Izabel Braghero de Camargo - Editora - ME Rua Madre Valéria, 903 - Caixa Postal
nª 93 13360-000 - Capivari-SP - Fone/Fax (0194) 91-3878

Ficha Catalográfica

Simonetti, Richard/Therezinha Oliveira/Sérgio Lourenço.

**Em Busca do Homem Novo, Capivari-SP, 1 Edição, 1986, Gráfica e Editora do Lar/ABC do
Interior, Editora EME a partir da 4ª edição 1992. 130 p.**

1 - Espiritismo - Crônicas e Artigos Doutrinários

2 - Crônicas e Artigos Doutrinários - Espiritismo

CDD -133.9

ÍNDICE GERAL

Palavras iniciais.....

O episódio da tentação.....

Para você que vai receber o passe.....

Mediunidade: corpo e alma.....

A questão do divórcio.....

Organizar com Amor.....

Médiuns espíritas.....

O convidado mais importante.....

Mensagem para quem sofre.....

Crime e castigo.....

Para promover a Justiça Social

Apelo ao jovem viciado.....

Uma nova época.....

Uma pedra no caminho do Reino.....

Em louvor do livro espírita.....

Espiritismo para encarnados.....

Ovelhas desgarradas.....

Carta de um filho.....

Crítica.....

Por Amor.....

Como ficaria o mundo, sem o Amor das mães?

Não posso morrer.....

O homem novo.....

Queremos ver Deus.....

Busca

De que Espírito somos?.....

Como acabar com o medo de morrer?.....

Espiritismo e seu tríplice aspecto.....

A condição essencial.....

Até as crianças sabem.....

Alívio e dores.....

Encontro marcado.....

O riso da incompreensão.....

Dar-de-dedo.....

PALAVRAS INICIAIS

Celso Martins

Que vos despojeis do velho homem (...) e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade. PAULO DE TARSO (4 Ef. vs. 22/23).

Os três autores deste livro, dispensam de minha parte qualquer apresentação. Eles são por demais conhecidos em todo o Brasil e mesmo fora das fronteiras nacionais. Isto porque ao longo dos anos sem cansaço nem desânimo vêm lutando no sentido de difundir **urbi et orbe** as verdades espirituais à luz do Espiritismo através da tribuna, do jornal, da revista, do livro — sobretudo — através do exemplo. Abençoada luta esta porque é mais trabalho abnegado do que mesmo simples difusão de um ideal, ainda que nobre, superior, como o é o ideal espírita. Trabalho abnegado que leva infatigavelmente luz e paz a tantos quantos necessitam de orientação e consolo sob a ótica da compreensão espírita.

Se os autores não precisam de apresentação — nem de recomendação — outro tanto podemos dizer sem receio de errar, relativamente ao livro em si mesmo. Ele se impõe por si próprio, ou por outra, por seu conteúdo. Cá estão páginas que sem favor algum merecem lidas, meditadas, mais que isto, vivenciadas a fim de que, como diz o título, a recordar as palavras muito conhecidas do Convertido de Damasco, o Apóstolo das

Gentes, surja o homem NOVO a partir do homem VELHO. Que do homem velho, coberto de egoísmo, de orgulho, de vaidade, de preconceito, numa palavra — coberto de ignorância e inobservância com relação às Leis Morais, possa surgir — para gáudio e ventura de todos nós — o homem novo, **gerado sob o influxo revitalizante das palavras • e dos exemplos de Jesus-Cristo, o grande esquecido por todos nós que nos agitamos na presente sociedade tecnológica, na atual civilização dita e havida como cristã.**

Que este homem novo seja um soldado da Paz neste mundo em guerras... Um lavrador do Bem neste planeta de indiferença e insensibilidade... Um paladino da Justiça neste orbe de injustiças sociais e de tiranias econômicas, políticas e/ou militares... Um defensor da Verdade num plano onde imperam a mentira e o preconceito tantas e tantas vezes em conluios sinistros com as superstições, as credices e o fanatismo irracional.

Que este homem novo, anseio do Simonetti em artigo constante deste livro, anseio da Therezinha, em Campinas, e do Sérgio Lourenço, em Presidente Prudente, que este homem novo, anseio de todos nós, seja um operário da Caridade (como entendia Jesus e aí a gente se lembra da resposta à questão n.º 886 de O LIVRO DOS ESPÍRITOS: Benevolência para com todos, perdão das ofensas, indulgência para com as imperfeições alheias). Um operário da Caridade, repito, que defenda ainda a Verdade, a Justiça, o Bem, a Paz!...

Que bom seria se das antigas cinzas das nossas ini-qüidades presentes e/ou passadas surgisse a Fênix deste homem novo, nascido dos sublimes ensinamentos de Cristo! Que bom seria se nós nos despojássemos, sem intenções salvacionistas, nem pruridos de santarronice extemporânea, de nossas mazelas morais e de nossas tão entranhadas imperfeições íntimas!...

Seria ótimo, antes de tudo, para nós mesmos. Liber-tar-nos-íamos a breve tempo do ciclo das reencarnações dolorosas de natureza cármica.

Seria ótimo, depois, para a Humanidade como um grande todo. O mundo haveria de tornar-se bem mais feliz.

Este livro (e o amigo leitor verá isso desde seu começo) é uma despretensiosa porém sincera contribuição para o desabrochar espontâneo do homem verdadeiramente cristão em cada um de nós, a partir do homem decrépito, que se dispa para sempre destas tantas capas e mantas esfarrapadas de sombras e trevas que tanto nos distanciam da Grande Luz.

Rio de Janeiro, Julho de 1986.

O EPISÓDIO DA TENTAÇÃO (Mateus, 4: 1 a 11)

Richard Simonetti

Era costume entre os judeus que os homens santos buscassem os lugares ermos para meditar. Esses períodos de solidão marcados pelo contato mais íntimo com a Natureza e por frugal alimentação, quase um jejum permanente, ensejavam um despertamento de forças espirituais que faziam deles verdadeiros laumaturgos, dotados de grande força moral e notáveis poderes psíquicos.

Observando a tradição, logo após seu encontro com João, o Batista, às margens do rio Jordão, Jesus internou-se no deserto, onde permaneceu quarenta dias. Enfraquecido e faminto foi visitado pelo demônio, que lhe disse:

“Se és filho de Deus, ordena que estas pedras se tornem em pães.”

Jesus lhe respondeu: “Está escrito: “Não só de pão vive o Homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.”

O diabo o transportou a Jerusalém e colocando-o no pináculo do templo, disse-lhe:

“Se és filho de Deus, lança-te daqui abaixo, pois está escrito que ele ordenou a seus anjos tenham cuidado contigo e te sustentem nas mãos para não tropeçares em alguma pedra.”

Jesus replicou: “Também está escrito: “Não tentarás o Senhor, teu Deus.”

O diabo o transportou ainda a um monte muito alto, donde lhe mostrou todos os reinos do Mundo com sua glória e lhe disse:

“Dar-te-ei tudo isso se, prosternando-te, me adorares.”

Ordenou-lhe Jesus: “Afasta-te, Satanás, pois está escrito: “Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele servi-ras.”

A narrativa evangélica termina com a informação de que o demônio retirou-se e vieram os Anjos para servir a Jesus.

Não obstante a singularidade do diálogo, com inteligentes citações do Velho Testamento

encaixadas nas respostas de Jesus, devemos tomá-lo quando muito à conta de uma alegoria, porquanto a figura do demônio, como a personificação do Mal, a força imutável que se contrapõe aos interesses de Deus, é mera ficção religiosa.

Segundo os teólogos medievais, os demônios foram anjos que pecaram antes da criação de Adão e tiveram por castigo o inferno. Ali, ao que parece, instalaram-se como soberanos do Mal, divertindo-se em torturar as criaturas humanas que se deixaram seduzir, na Terra, por suas sugestões malignas.

Embora as afirmativas frequentes de figuras representativas da ortodoxia religiosa quanto à sua existência, o diabo é hoje encarado pela vasta maioria dos fiéis como mera figuração mitológica. Para os teólogos isto seria uma trama do próprio demônio — convencer os homens de sua inexistência a fim de mais facilmente envolvê-los.

Todavia, deve-se essa descrença muito mais às fantasias com que cercaram a figura do diabo ao longo dos séculos, chegando-se, inclusive, à elaboração de desenhos grotescos sobre sua aparência. Para a mentalidade racional do presente, tais idéias afiguram-se ridículas e infantis.

Revela a Doutrina Espírita a existência de Espíritos profundamente comprometidos com o vício e o crime, seres enfermos que, por estranho desvio, inspirado na rebeldia sistemática, se comprazem em perseguir e prejudicar os Homens. Longe estão, entretanto, de representarem um poder constituído, imutável em suas intenções, capaz de ameaçar a ordem universal, porquanto eles próprios estão regidos por Leis Divinas que trabalham incessantemente suas consciências, impelindo-os inexoravelmente à renovação.

O demônio, por isso, será todo filho de Deus transvia-do do Bem; mas, sua destinação final, irresistível, contrariando até mesmo a mais forte disposição em contrário, é a angelitude. Longo e penoso caminho espera aqueles que tentam negar sua condição de filhos de Deus, marcado por milenárias lutas e sofrimentos, em expiações redentoras, e mais cedo ou mais tarde terão de trilhá-lo, porque esta é a vontade soberana do Criador, que jamais falha em seus propósitos.

Tão fantasiosa quanto a existência do diabo é a idéia de que teria tentado Jesus. Inteligente como o descrevem, saberia que ninguém pode ser impelido ao Mal senão pelo mal que guarda em seu próprio coração. Se é a oportunidade que faz o ladrão, como proclama o velho ditado, devemos considerar que somente o ladrão a enxerga, inspirado por velhas tendências ao roubo.

Se deixarmos um pacote de notas sobre uma mesa, em lugar público, muitas pessoas passarão por ali indiferentes ao dinheiro. Mas aquele que estime apropriar-se de bens alheios, logo pensará numa forma de aproximar-se sorrateiramente e levar as notas.

Partindo desse princípio, conclui-se que Jesus jamais poderia ser tentado por perspectivas de poder e riqueza. Espírito puro e perfeito Ele situava-se acima dos interesses e das paixões que empolgam a Humanidade.

Podemos, pois, considerar esta passagem evangélica como apócrifa, uma interpolação, algo que não aconteceu. Quando muito se trata de uma alegoria apresentada por Jesus e interpretada pelos evangelistas como episódio autêntico.

De qualquer forma, observada a mesma lei de afinidade que estabelece a ligação do homem mau com a oportunidade de praticá-lo, é sempre bom saber que se pretendemos a condição de discípulos de Jesus é preciso que cultivemos pureza e virtude. Caso contrário, nossa comunhão com Ele será tão impossível quanto o episódio da tentação.

PARA VOCÊ QUE VAI RECEBER O PASSE

Therezinha Oliveira

O Centro Espírita lhe dá boas vindas, em nome do Amor do Cristo.

Para que você encontre no **passé** a bênção que verdadeiramente procura, permita que antes conversemos um pouco a respeito.

VOCÊ SABE O QUE É O PASSE?

O **passé** é uma transfusão de energias físicas e espirituais.

Foi Jesus quem nos ensinou a impor as mãos sobre os enfermos e necessitados e a orar por eles, para serem beneficiados.

É o que vamos fazer por você, agora!

E os amigos espirituais, cooperadores de Jesus, auxiliarão a você.

PREPARE-SE PARA RÉCEBER O PASSE

Coloque-se bem à vontade na cadeira.

Não cruze braços nem pernas. Apoie as mãos nos joelhos. Assim, o corpo fica melhor acomodado e a circulação sanguínea é livre e perfeita.

Respire duas ou três vezes, profunda e calmamente.

A FÉ É NECESSÁRIA

Para atrair e reter as forças espirituais que vão ser derramadas sobre nós, cada um precisa estar interessado, de boa vontade, confiante.

Quem não se colocar nesse estado de ânimo favorável, dificilmente conseguirá a bênção que procura, porque a incredulidade é uma barreira à atuação dos Espíritos em nosso favor.

Jesus sempre dizia, quando alguém, através dele, conseguia uma bênção: “Vai, a tua fé te salvou”.

E, de fato, a misericórdia divina está sempre pronta a nos ajudar, dependendo da nossa fé.

O MERECIMENTO TAMBÉM

Dependendo da nossa fé e do nosso merecimento, porque o resultado será também de acordo com o merecimento, ou a necessidade de cada um.

Se o nosso carma permitir, receberemos a bênção total, a cura, a solução do problema.

Se isso não for do nosso merecimento, ainda assim, através do passe, recebemos alívio, melhoras e forças para suportar nossas provações.

ATITUDE PARA COM O PASSISTA

Não converse com o passista durante o passe. O silêncio é importante para a concentração.

Todos os passistas estão bem assistidos espiritualmente. Por isso, tanto faz tomar passe com este ou aquele. E basta tomar passe com um passista.

O QUE VOCÊ PODE SENTIR DURANTE O PASSE

Durante o passe, geralmente você sentirá bem estar, alívio, e sensação de refrigério e de vigor.

Mas há quem sinta calor, frio, formigamento, transpiração excessiva, palpitação, tonteira... Neste caso, não se aflija. É que os fluidos estão sendo ativados e renovados e você sente os reflexos dessa modificação. São sensações passageiras. Fique calmo que ao final do passe, tudo voltará à normalidade.

Também não é hora de você receber espíritos, não é o momento para comunicações. Se você é médium, procure controlar sua mediunidade.

AO FINAL DO PASSE

Agradeça a Deus pelos benefícios recebidos.

O passe é uma doação de energias. Alguém teve de ceder alguma coisa de si mesmo para que você recebesse. Esse recurso divino não pode ser usado sem necessidade. Portanto, volte para o passe quando lhe for indicado, **sempre que precisar, mas lembre-se de que o remédio deve ser tomado na dose certa e enquanto precisamos dele. Quando estivermos recuperados, não há mais necessidade do passe.**

Se você está em tratamento médico, não deixe de tomar os remédios que o médico lhe receitou, porque o melhor é unir ambos, o tratamento terreno e a assistência espiritual.

MEDIUNIDADE: CORPO E ALMA

Sérgio Lourenço

Em seu livro TRATAMENTO DA OBSESSÃO — Edição Culturesp —, o escritor Roque Jacintho nos apresenta quatro causas fundamentais nas disfunções da alma humana:

- a) Causas Neurológicas;
- b) Perturbações Transitórias;
- c) Autoperturbações;
- d) Obsessão.

Como se vê, dos elementos citados, apenas o primeiro é de origem física, ou seja, o desarranjo das funções orgânicas é que oferece causa ao desequilíbrio espiritual. Os demais agem inversamente. A participação desajustada do Espírito é que leva, quase sempre, a sequelas de ordem física.

No entanto, fica patente que, quando o indivíduo se desajusta, tanto física quanto espiritualmente, ele precisa de tratamento conjugado. Age a ciência e obra o Espiritismo, voltado para o espírito encarnado ou desencarnado, doente.

No verdadeiro conceito, a saúde é uma visão completa desses dois elementos: o corpo e a alma. Embora fisicamente forte, mas com problemas na alma, ou vice-versa, o homem não pode dizer-se saudável.

O despreparo de muitos companheiros que labutam no movimento espírita, particularmente no campo da me-diunidade, tem levado muitas vezes ao perigo maior de agravar o mal do paciente, antes de encaminhá-lo para a cura. É comum ouvir-se em alguns núcleos diante de qualquer anomalia apresentada por quem o procura, que o problema é mediunidade e que aquele paciente precisa desenvolvê-la. Geralmente a pessoa em desespero pelo mal de que é portadora, de pronto se propõe a desenvolver e, após algum tempo, sem estudo e sem preparo, começa a receber espíritos, dando comunicações seguidas. Parece, de imediato, que o problema terminou. Tudo engano. Uma parte está encaminhada, mas, a outra fica pendente e pronta a aflorar a qualquer instante. E quando ressurgir o problema anterior, que demandaria mais facilidade para ser detectado, torna-se, agora, difícil e quase sempre, desesperador.

Para melhor situar estas observações, temos a doença catalogada como EPILEPSIA. É um mal físico e de origem neurológica. Traz ela traços típicos e próximos do transe mediúnico. A diferença maior está na convulsão do epilético que está ausente no médium. Assim, podemos dizer e com grande margem de acerto que todo epilético é médium, mas nem todo médium é epilético. O eletroen-cefalograma feito em um médium no momento do transe, traz, quase ou sempre, os mesmos sinais de um feito em pessoa portadora de epilepsia.

Portanto, não basta desenvolver a mediunidade. É preciso um tratamento clínico adequado e, paralelamente, uma conscientização do doente para a fácil abertura que tem para a influência de espíritos e que, se essa parte for seriamente disciplinada pelo Evangelho e o conhecimento, melhores serão seus dias. Nunca garantir que o Centro Espírita cura, pois, isso não nos compete e nem cabe ao espírita essa afirmação. Mesmo porque, quem fornece atestado de óbito é o médico...

Para isso ser obtido — a cura do paciente —, entram outros componentes que muito longe estamos de dominar. A fé, o merecimento, a reforma íntima do paciente, são alguns dados desses componentes. E, só isso é o suficiente para deslocar o problema do controle do Centro Espírita, porque é um conjunto de valores eminentemente pessoal e íntimo que só a pessoa interessada pode controlar e dominar.

Desenvolver a mediunidade é coisa séria. Bem mais séria do que se pensa e se tem

tratado. Primeiro porque a mediunidade é uma faculdade latente em todos os homens e não é passível de desenvolvimento. O que realmente é desenvolvido, e com grande dificuldade, diga-se, é o médium. No caso, o paciente.

Tudo isso sem chegarmos aos males, físicos ou espirituais, de origem cármica. Esses, de origem redentora para o portador, após serem detectados, precisam ser esclarecidos suficientemente ao portador para que este possa conviver com o mal sem que se iluda de que, o trabalho no campo mediúnico, virá curá-lo em definitivo.

Pode parecer aos leitores que o assunto aqui tratado é patético e desanimador. Não é isso que pretendemos. O objetivo é trazer nossas observações de alerta aos que, ainda, não sentiram e nem trataram do problema me-diunidade-doença, por este ângulo. Assim, desde que o assunto seja encarado seriamente e com respeito, é possível a convivência da ciência médica e a mediunidade, em benefício do paciente. Este sim, por ambas as partes deve e precisa ser o primeiro objetivo. Este sim, deve ser situado longe de preconceitos.

QUESTÃO DO DIVÓRCIO

Richard Simonetti

“Dele se acercaram os fariseus e, para o tentarem, lhe perguntaram: — É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo? Respondeu Jesus: — Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher, e disse: “Por esta razão o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne?” Assim, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou, não o separe o homem. Replicaram-lhe: — Por que, então, mandou Moisés dar carta de divórcio e repudiar a mulher? Respondeu Jesus: — “Por causa da dureza de vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossas mulheres, mas não foi assim desde o princípio. Eu vos digo que aquele que repudiar sua mulher, salvo em caso de infidelidade, e casar com outra, comete adultério. Aquele que repudiar sua mulher e casar com outra, comete adultério contra a primeira; e se ela repudiar seu marido e casar com outro, comete adultério.” (Mateus 19: 3 a 9)

Ao tempo de Jesus vigorava na Palestina a poligamia. O homem, desde que suficientemente rico para pagar o dote, podia casar-se quantas vezes o desejasse. Respeitáveis patriarcas apontados como modelos de virtude, dentre eles Salomão e David, tiveram elevado número de esposas.

\ Eram tempos difíceis para a mulher, que não passava de escrava do marido, objeto de seus capricjos. Ele podia livrar-se dela quando bem o desejasse. Bastava que a infeliz desagradasse a.ql. Até um prato de comida menos saboroso podia ser motivo para a

dissolução do casamento, formalizada mediante carta de divórcio, que o marido entregava à esposa. Um patrão não demitiria a empregada com maior facilidade.

Jesus combate esse barbarismo elevando o casamento à condição de compromisso sagrado perante Deus, não podendo, por isso estar sujeito aos caprichos masculinos. Impunha, assim, o respeito à dignidade feminina, estabelecendo as bases da monogamia cristã.

Entretanto — completa Jesus — no princípio não era assim. A respeito desta observação, Allan Kardec, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, diz que na origem da Humanidade, quando os homens ainda não estavam pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho e viviam segundo a Lei de Deus, as uniões, derivando da simpatia e não da vaidade ou da ambição, nenhum ensejo davam ao repúdio.

Jesus admite a separação apenas por adultério, quando o respeito e a confiança, indispensáveis à estabilidade conjugal, são irremediavelmente comprometidos. Lares em tal situação não se desfazem somente quando um dos cônjuges — o traído — consegue munir-se de elevado espírito de tolerância e compreensão, já que o casamento está morto, destruído pela irresponsabilidade do outro.

A Doutrina Espírita também se manifesta contrária à dissolução do casamento, mostrando-nos os ascendentes espirituais que presidem a formação do lar — cadinho purificador onde se reúnem afeições e desafetos de vidas anteriores, a fim de consolidarem afeições e desfazerem aversões, ensaiando fraternidade. Amigos e inimigos, vítimas e verdugos, comparsas e rivais ressurgem na condição de filhos, cônjuges, pais, irmãos — personalidades velhas encarnando novas personagens, em reencontros marcados pelo Destino, que nada mais é senão a projeção, no presente, do que fizemos no pretérito.

Sofrimentos e alegrias, lágrimas e sorrisos, esperanças e frustrações misturam-se nas experiências domésticas, oferecendo-nos a oportunidade de melhorarmos a própria vida, refazendo-a com o resgate do passado e a edificação do futuro. Se fracassarmos, repetiremos as experiências em comum, como alunos indisciplinados que tornam à escola para rever lições não assimiladas.

Justamente porque a indissolubilidade do casamento é uma questão moral que pede orientação da inteligência, em processo de conscientização, será ocioso pretender-se mantê-lo indissolúvel com a força de dispositivos legais. Quando um casal chega a extremos de desentendimento, a ponto de tornar impossível a vida em comum, nenhuma lei logrará o prodígio de mantê-los juntos. O que ela pode e deve fazer é regulamentar a separação, ratificando-a perante a sociedade e assegurando a proteção aos filhos com a definição das responsabilidades dos pais.

Seguindo esta mesma linha de raciocínio podemos dizer que o divórcio nada tem a ver com a estabilidade do lar, pois apenas oferece àqueles que se separam a possibilidade de refazerem suas vidas em experiências afetivas legais sob o ponto de vista social. Negar este direito é desconhecer as necessidades básicas do ser humano.

A afirmativa de que o divórcio age contra a Família não encontra apoio na realidade. Casamento e descasamento, união e separação nada têm a ver com leis civis. O homem e a mulher unem-se porque se amam; separam-se porque deixaram de se amar. Nenhuma estatística demonstrou jamais que em países onde não há o divórcio os casais pensem melhor antes de assumirem o compromisso matrimonial. Nem se provou que haja maior número de separações em países divorcistas.

Há quem situe o desquite, proclamando-o mal menor. Dir-se-ia mais exatamente o contrário. O desquite favorece o amor livre. Em tal regime as novas uniões, após a dissolução do casamento, fazem-se sem nenhum sentido de responsabilidade, sem nenhum compromisso legal. Um casal vai morar junto pelo tempo que julgar conveniente, sem cogitar de estabilidade ou dever. São uniões geralmente efêmeras que se sucedem com a inevitável colheita de frustrações e angústias.

É preciso que façamos tudo por garantir a integridade do Lar. A Família é o convite perene da Vida em favor das realizações mais nobres. Unam-se nesse propósito as religiões! Ergam-se os baluartes das Virtudes! Falem bem alto os exemplos de paciência e devoção, compreensão e tolerância, preservando a dadivosa árvore do amor conjugal.

Inútil, porém, intentar prender os casais com a força de dispositivos legais. Fechar a porta do casamento pelo lado de fora é tentar tapar o sol com a peneira. Ficaria bem na Idade Média, época de coações e servidão, mas não tem razão de ser na atualidade, quando o Homem, ensaiando discernimento, é chamado ao exercício do direito de decidir sobre sua própria vida, sem outros agulhões que não sejam os impostos pela consciência.

ORGANIZAR COM AMOR

Therezinha Oliveira

Centro Espírita é um agrupamento de pessoas animadas pelo ideal espírita, que se reúnem para:

— cultivar a Deus e comungar com o plano espiritual:

— estudar e difundir o Espiritismo;

— assistir espiritual e materialmente as criaturas.

O início desse agrupamento se dá espontâneo, singelo, quando alguns amigos se unem para o trato das coisas eternas, à luz do Espiritismo. Então, as relações entre os membros do grupo são bastante afetivas e cada pessoa se sente parte atuante do conjunto. As reuniões se realizam uma ou duas vezes por semana, com o com-parecimento de todos os seus integrantes. Os valores de cada um são conhecidos de todos e aproveitados nas atividades em comum. Tudo simples e fácil.

Com a adesão de novos interessados e pelo rol crescente das criaturas que lhe buscam a assistência, o Centro Espírita vai ampliando suas atividades. Agora, já são vários os dias e diversos os horários em que há reuniões e trabalhos assistenciais e não é mais possível em todos eles a presença de todos os membros do grupo. Já não se consegue contato pessoal mais prolongado com todos os que estão aportando à casa, numerosos. E os diversos grupos de trabalho tendem a crescer como departamentos estanques, sem união entre si, o que poderá ensejar, no futuro, desnecessário desmembramento.

Que fazer, quando o Centro Espírita cresce assim?

Como atender bem a todos e evitar o fracionamento do grupo? A solução está, é claro, em organizar as atividades de tal modo que:

— haja reuniões e departamentos para atender a cada uma das finalidades do Centro Espírita;

— as diversas equipes de trabalho se entrossem;

— os elementos novos sejam treinados e entrosados nas atividades em comum;

— os assistidos, sempre que necessário, recebam um atendimento pessoal por elementos capacitados.

Não esqueçamos, também, que seguindo o “Dai a César o que é de César”, o Centro Espírita deverá estar de acordo com as determinações legais do país, quer quanto à sua constituição como sociedade, quer na parte de escrituração contábil ou situação perante o imposto sobre a renda.

A organização é indispensável e desejável para todo o Centro Espírita, porque facilita o serviço e assegura a ordem das tarefas.

Que ela, porém, não venha a ser motivo de intransigência, de rigorismo exagerado. Senão,

acabará destruindo o ambiente cristão, cheio de calor humano, que o Centro Espírita deve ter e manter.

Lembremos o ensinamento de Jesus: “O sábado foi estabelecido por causa do homem e não o homem por causa do sábado.” (Marcos 2 v. 27). Valorizemos a organização, pugnem por ela em nossas casas espíritas. Mas não esqueçamos que a organização no Centro Espírita só é útil enquanto serve ao melhor andamento do trabalho cristão, enquanto ajuda ao cumprimento das finalidades espirituais.

Organizar com amor é o meio de assegurarmos às casas espíritas o desenvolvimento ordenado sem a perda de seu clima e valores espirituais.

MÉDIUNS ESPIRITAS

Sérgio Lourenço

“Que é preciso cristianizar a Humanidade é afirmação que não padece dúvida, entretanto, cristianizar, na Doutrina Espírita, é raciocinar com a verdade e construir com o bem de todos, para que, em nome de Jesus, não venhamos a fazer sobre a Terra mais um sistema de fanatismo e de negação”.

Emmanuel

No curso do tempo, vem o Espiritismo, pelos feitos de uns poucos abnegados que o divulgam com vigor, coragem e exemplo, ampliando, e em muito, sua penetração na Sociedade, merecendo, desta, atualmente, o respeito e acatamento devidos. Não que ainda, por preconceito ou má-fé, não seja combatido e ridicularizado. É, e muito, ainda. Principalmente quando o confundem, premeditadamente ou por ignorância, com outras áreas de prática eminentemente mediúnica.

No entanto, por despreparo ou por ignorância, pouca atenção estão, aqueles que se socorrem ou dirigem Organizações Espíritas, dando à Doutrina, gerando, com essa atitude, um constrangimento sério e com resultado desagradável. O que se tem, em grande quantidade, e isso é fácil de ser constatado, são os espíritas de Centros Espíritas. São pessoas que, não encontrando solução para suas dúvidas, problemas e carências em outros sítios religiosos, chegam ao Espiritismo e, através dele, sentem o alívio e as respostas necessárias.

No entanto, chegam, dizem-se convertidas, mas só... Nada fazem que possa, realmente, auxiliar no desenvolvimento próprio e no da Doutrina. Ficam na condição de meros assistentes, quando não se tornam críticos vigorosos daqueles que tentam caminhar com

segurança.

São pessoas que merecem todo o respeito, às vezes, e certamente, mal informadas ou mal orientadas, mas incapazes de deixar seus momentos de lazer em favor dos carentes e necessitados. Quando chamadas para o trabalho, assumem os cargos, mas não os encargos das Obras Espíritas. Isso, quando chegam a aceitar os cargos. Às vezes, nem isso querem, pois o tempo — sempre o tempo — ou as alegações de incapacidade para exercitar tão grande responsabilidade, os impedem...

No que tange ao médium, então, após muita insistência própria e dos dirigentes, passa a receber Espíritos e acomoda-se, desastrosamente, nessa tarefa tão sublime, comparecendo às reuniões apenas para “descarregar”... Não são médiuns espíritas. São médiuns apenas, como muitos que campeiam em outras áreas religiosas. O que realmente está faltando a muitos espíritas é trabalho. Todos chegam com as mãos vazias e desocupadas e, assim, continuam, com sérios e graves riscos para si mesmos e para o Movimento.

Convém que os Centros Espíritas, através de seus dirigentes, ofereçam, além do estudo da Doutrina, mais e mais trabalho em Obras Assistenciais Espíritas aos frequentadores de suas Casas, sejam eles médiuns ou não. A vivência junto aos mais carentes é sempre uma boa lição.

O CONVIDADO MAIS IMPORTANTE (João, 2: 1-10)

Richard Simonetti

Houve um casamento em Caná da Galiléia ao qual compareceram Jesus e sua mãe. Por circunstâncias imprevistas e para vexame dos donos da casa, esgotou-se rapidamente o vinho.

Jesus, a quem não passavam despercebidos os murmúrios de geral descontentamento e atendendo observação de Maria, pediu aos criados que enchessem d'água seis grandes talhas de pedra. Feito isso, recomendou que a levassem ao “mestre de mesa”, organizador da festa matrimonial. Este, após prová-la, admirou-se e, chamando o noivo, disse-lhe:

“Todos servem primeiro o vinho melhor e, quando os convidados beberam fartamente., servem o inferior. Tu, pelo contrário, guardaste o vinho bom até este momento!”

O noivo, naturalmente terá ficado atônito, sem compreender o que se passava, mas graças à extraordinária transubstanciação operada por Jesus a festa não fora comprometida.

O episódio relatado pelo evangelista João é uma amostragem dos extraordinários poderes de Jesus. Mais importante é o conteúdo simbólico, de suma importância em relação ao instituto do casamento.

Nenhuma alegria é maior que a de alguém que transforma um sonho em realidade. Nenhum sonho é mais belo nem mais caro às criaturas humanas do que o matrimônio, instituição sagrada que ratifica perante Deus e os homens os elos sublimes do Amor, a unir duas partes que se completam: o Homem e a Mulher, o cérebro e o coração, a razão e o sentimento, a força e a sensibilidade, num amálgama abençoado que opera um dos mais notáveis prodígios da existência: transforma as paredes frias de uma casa no Lar, sinônimo de conforto, aconchego, paz, carinho...

Por isso é natural que nos olhos dos que se consor-ciam brilhe uma chama inconfundível: a esperança de que as alegrias desse dia sejam apenas as primícias de uma felicidade completa que se estenda, imperecível, por toda a existência.

— Quimeras! — dirá alguém...

— Utopia! — acrescentarão outros...

E os profetas do pessimismo proclamarão, certamente, que após a embriaguez dos primeiros tempos, restará na taça matrimonial apenas o amargo sabor da insatisfação e da desarmonia.

É verdade! O vinho capitoso das primeiras alegrias matrimoniais é escasso, tanto quanto são numerosos os casais que perguntam, amargurados:

“O que está acontecendo conosco? Onde se escondeu a felicidade inicial? Que é feito da paz doméstica?”

Por que tantos espinhos sucederam às flores?...”

É que faltou alguém... Esqueceram-se de convidar o Cristo!

Somente Jesus é capaz de transubstanciar indefinidamente a água em vinho, a rotina em interesse, a incompreensão em entendimento, a intranqüilidade em paz, os espinhos em flores, as lágrimas em sorrisos, as dores em alegrias...

Em Seu ensinamento está o espírito renovador de nossas mais caras emoções. É ele o divino elixir que estreita os laços da afetividade,-preservando a paz doméstica, o tônico infalível para todas as fraquezas, o remédio certo para todas as dores, o recurso supremo

para todos os males.

O Evangelho, muito mais que repositório de consolos e bênçãos, é uma síntese perfeita das leis divinas que regem a evolução moral da Humanidade, recurso indispen-

sável para uma convivência pacífica e feliz em qualquer agrupamento humano, principalmente no lar, onde se rompe com facilidade o verniz social, revelando tendências e imperfeições não compatíveis com nossa condição de filhos de Deus.

Indispensável em qualquer matrimônio, a presença de Jesus não se subordina a mero cerimonial regido por oficiante. Este, não obstante sua boa vontade jamais poderá substituir o esforço intransferível dos nubentes, acolhendo o Cristo na intimidade do próprio coração com a disposição de observar Seus exemplos e seguir Suas lições.

Então, sim, o convidado mais importante será presença marcante em suas vidas, sustentando imorredoura ventura.

MENSAGEM PARA QUEM SOFRE

Therezinha Oliveira

Você sofre!...

Em seu Evangelho Jesus convida:

“Vinde a mim, todos vós que vos encontrais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei.”

Como alcançar esse alívio?

Jesus esclarece:

“Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração. E achareis repouso para as vossas almas, pois suave é o meu jugo e leve o meu fardo.”

O jugo é a lei divina.

Cumprida devidamente, torna leve o fardo da vida.

E a lei de Deus, ensinada por Jesus e reafirmada pelos Bons Espíritos, resume-se em:

“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.”

Procure agir assim, de acordo com a lei de Deus, e tudo irá melhorar.

“Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo da misericórdia divina.”

O Centro Espírita poderá ofertar todo o amparo possível de que você necessite, como orientação espiritual, preces, passes, trabalhos mediúnicos, etc.

Os Bons Espíritos também o assistirão com todo amor.

Mas você tem que se esforçar no sentido do bem. Faça a sua parte e Deus fará o resto.

“Pedi e dar-se-vos-á, buscai e achareis, batei e abrir-se- vos-á.”

Tome cuidado com seus pensamentos, sentimentos, palavras e atos.

“Orai e vigiai para não cairdes em tentação.”

Se você está sofrendo exatamente porque errou no modo de agir, tenha coragem, pois nova oportunidade de começar lhe é dada.

"Eu também não te condeno. Vai e não peques mais, para que não te suceda algo pior.”

Limpe seu coração de ressentimentos.

“Perdoai para serdes perdoados.”

E semeie o bem no seu caminho.

“Tudo quanto quiserdes que as pessoas vos façam, fazei-o vós a elas.”

Porque, pela lei de causa e efeito, dando é que recebemos.

"A cada um será dado segundo suas obras.”

CRIME E CASTIGO

Sérgio Lourenço

“Sofrimento é processo purificador contra o qual será inútil a reação pela revolta ou através do desespero. Tal atitude mais agrava o problema, qual ocorreria a alguém que, pensando ou desejando diminuir a intensidade , da dor de uma ferida aberta em chaga viva, lhe colocasse ácido ou espicasse com estilete as carnes em torpe decomposição e alta sensibilidade.”

Joanna de Ângelis

É o homem um ser eminentemente social, não se concebendo sua vida isolada em razão da dependência com o seu semelhante. Já foi dito, inclusive, que o homem mais convive do que propriamente vive.

A preocupação da harmonia social, característica do progresso humano, está na coerção que seus próprios membros exercem contra aqueles que, transviados, procuram meios de perturbar a paz do conjunto. Assim, temos a figura do crime e do criminoso, que são aqueles homens que violam as normas de comportamento estabelecidas pela sociedade. Portanto, toda a criatura que foge do comportamento tido como aceitável pela maioria é passível de uma sanção que vai até o máximo de sua segregação do meio, medida essa de caráter profilático.

Para os espíritas, o castigo social imposto a essas criaturas, é sabido que não basta, em virtude da origem do mal transcender ao comportamento presente. Isso ensina a Doutrina Espírita. Vale dizer que só pratica o mal aquele que ainda não conseguiu assimilar o bem. E não assimilou porque ainda não o sentiu em sua pureza.

Daí ser de todo louvável o trabalho que muitas comunidades espíritas executam junto àqueles que se encontram segregados em cadeias, penitenciárias, etc. Antes de mais nada devemos e precisamos encará-los como seres doentes que precisam da medicação própria para o espírito, que é o esclarecimento.

No entanto, convém não perder de vista os encarregados de vigiá-los. Estes, exercendo tarefa tão espinhosa e incompreendida, representam aquela tranquilidade que a sociedade procura e deseja. Tanto quanto possível, á estes também devemos prestar a assistência do esclarecimento, pois, por mais e maior convivência, melhor atenderão os naturais conflitos.

Com a boa vontade, disposição, despreendimento e coragem desses abnegados irmãos que se propõem a esse trabalho junto aos desviados da sociedade, chegaremos, bem mais cedo do que se imagina, ao convívio ideal, pois cada um que consiga entender sua

própria situação de marginalizado, já nos coloca muito próximo do objetivo da redenção. O Divino Pastor assim o quer para formar, o mais breve possível, o seu rebanho único.

PARA PROMOVER A JUSTIÇA SOCIAL

Richard Simonetti

Porque a ira do Homem não produz a justiça de Deus.

{Tiago, 1:20}

O anseio de justiça social, como oportunidade de viver com dignidade e trabalhar por um futuro melhor, é inerente à criatura humana. Todos esperamos que Deus estabeleça Sua justiça no Mundo para que vivamos em paz.

Infelizmente, desde sempre, homens inconformados com iniquidades e privilégios da ordem vigente, arreme-tem contra ela com impetuosidade irracional e, longe de se situarem por instrumentos de renovação, promovem novas injustiças, semeando a perturbação e o sofrimento.

O Mundo vive convulsionado por lutas fratricidas, levadas a extremos de violência e destruição. Está em moda hoje a guerrilha urbana, quando grupos de fanáticos, sem nenhum respeito pela vida humana, promovem o morticínio de populações indefesas, em atentados espetaculares que objetivam desestabilizar a sociedade, favorecendo seu acesso ao poder. A seguir-se por tais caminhos não tardaremos em ver esses sinistros adeptos da violência assenhoreando-se de artefatos atômicos, aumentando dramaticamente sua capacidade de inspirar terror, em lamentáveis semeaduras de sofrimento e morte. Transformados em feras humanas, em face da própria rebeldia, agindo sem o mínimo respeito pela vida humana, cometem um erro fundamental: pretendem construir uma sociedade justa sem agir segundo os princípios da Justiça Divina, que pede bases de fraternidade para que possa manifestar-se plenamente, partindo do princípio de que somos todos irmãos, habitantes da mesma casa — o Mundo; filhos do mesmo pai — Deus.

Onde a preocupação predominante' é o próprio bem-estar, sob inspiração do egoísmo, sem cogitar-se das necessidades do semelhante, não há lugar senão para os desníveis sociais, para as misérias extremas e as aberrações do comportamento, que geram intermináveis violências, camufladas de indignação contra injustiças.

Enganam-se também os que acreditam que unicamente aos governos compete operar as transformações sociais, promovendo o bem-estar da população. Os governos apenas

representam as tendências das coletividades que dirigem. Por isso já se falou que cada povo tem os dirigentes que merece. E nenhum governo jamais resolveu o problema da miséria. Ela está presente em todos os países, não apenas no sentido material, mas principalmente a miséria moral, que faz a infelicidade crônica, a angústia de viver de milhões de homens fechados em si mesmos, ignorantes de que a causa fundamental de seus males reside no comportamento egoístico que contraria sua condição de filhos de Deus.

Todas as situações das coletividades terrestres estão inexoravelmente ligadas a problemas de comportamento. A vida é um processo ininterrupto de semeadura e colheita. Causa e efeito. Povos egoístas geram, invariavelmente, ordens sociais de privilégios e opressões. É preciso romper a milenar tendência humana de cada um cuidar de si e o resto que se dane.

Fundamental, por isso, que se multipliquem guerrilheiros diferentes, inspirados não no ódio, mas no Amor, dispostos a combater incansavelmente a miséria e o infortúnio, com as armas poderosas da solidariedade, organizando “atentados” ao Mal, que edifiquem ao invés de destruir, que inspirem não o medo, mas a confiança, que demonstrem, com as excelências do exemplo, que somente o exercício do Bem construirá uma sociedade boa, onde possamos viver em paz, sem iras e sem injustiças.

APELO AO JOVEM VICIADO

“Jovem, a ti te digo: Levanta-te.”

(Lucas, 7 vs. 11 a 15).

Therezinha Oliveira

Quando Jesus ia entrando na cidade de Naim, ele e seus acompanhantes se defrontaram com um cortejo fúnebre. O filho único de uma viúva era levado ao túmulo. A triste mãe chorava, desolada.

Contemplando-lhe a dor, Jesus moveu-se de íntima compaixão pela sofredora mulher e lhe disse: “Não chores”. Aproximou-se do esquife. O féretro parou. “Jovem, a ti te digo: Levanta-te!” Ao influxo das energias sublimes e do chamado de autoridade moral do Cristo, aquele que todos julgavam morto saiu do estado letárgico, sentou-se e começou a falar, para admiração de muitos e louvores de todos a Deus, enquanto Jesus entregava o jovem à mãe, atônita e indizivelmente feliz.

Leio a narrativa evangélica e penso em você, jovem. Em você que está morrendo aos

poucos, na alma e no corpo, pela corrupção moral, pelo vício. Você que, dia a dia, complica cada vez mais o próprio destino e se entristece, e definha...

Muitos nem acreditam mais em sua recuperação. Dão--no por morto. Nos olhares que lançam a você, nas conversas a seu respeito, no pensamento negativo e descrente, é como se carregassem você ao sepulcro, ao término da existência terrena. Você se deixa levar. Sente-se mor-

to mesmo, como morto o julgam. Sua mãe sofre. E chora...

Jesus, porém, chegou. Aí está, vê? A dor e desolação de sua mãe, ó jovem, tocam profundamente o coração do Amigo. Ele pede a ela que não chore. Mas sabe que seu pranto corre por causa de você. Você, tão jovem! Você, futuro ainda não alcançado! Você, seu amor maior de mulher-mãe!

E a você Ele vem, com uma ordem-convite para que você se erga moralmente, recuperando a vida.

Atenda ao chamado, jovem! Ouça o Médico de nossas almas, o Mestre de nossa inteligência, o Guia de nossos sentimentos!

Receba-lhe o caudal de energias sublimadas. Levante-se do lodaçal das sensações inferiores. Deixe a horizontalidade da inércia. Eleve a mente, ela impulsionará seu corpo e o levará à ação positiva.

E fale, jovem! Dialogue! Conte seus anseios, seus medos e pesares. Diga, também, suas esperanças de recuperação e pedidos de amparo.

Reviva, meu jovem! Atenda ao amoroso apelo de Jesus e levante-se do vício. Para que sua mãe não sofra nem chore. Para que muitos se edifiquem e nos alegremos todos na alma, vendo você ressurgir.

UMA NOVA ÉPOCA

Sérgio Lourenço

“O verdadeiro espírita deve ser o símbolo da Fé e da Caridade, deve aliar todas as virtudes para com elas testemunhar a Verdade da Doutrina que propaga, mas o seu principal objetivo deve ser a propaganda do Espiritismo.”

Cairbar Schutel

Após um período relativamente longo de dificuldades surge, para o povo brasileiro, nova época e uma nova esperança de vida, mais condizente com as necessidades do ser humano.

É evidente que a felicidade que todos almejamos não está, em nada, vinculada ao aceno de novos rumos e novas oportunidades. Almejamos, e para isso aqui estamos encarnados, é a felicidade perene, a felicidade dentro do contexto da Vida Eterna. Aqui, tudo fica. Levamos os nossos acertos e desacertos. Nada mais.

Com as mudanças políticas operadas, que tanto reclamámos, surgiu, para a Sociologia, uma nova luz de esperança e oportunidades. No entanto, entendemos que esse problema é do homem e não da estrutura religiosa cristã. Nesses novos rumos, a religião não pode, e não tem autoridade para envolver-se, sob pena de ser desvirtuada sua destinação.

Em particular, no que concerne ao Espiritismo, temos um fator que esclarece todo esse sofrimento: a reencarnação. Não que deva ficar, o espírita, acomodado, vendo seus irmãos em aflição. Não. O espírita não é um alienado da vida cívica de sua Pátria. O importante, porém, é que ao espírita compete a sublime tarefa de minimizar, ao máximo, a dor de seus semelhantes. Para isso o Espiritismo o preparou.

E como o Movimento Espírita é um contingente de espíritas, qualquer participação grupai poderá arrastar certamente o Espiritismo para esse fim. Aí está o perigo. Aí está o engano.

O Espiritismo traz em seu conceito a reforma interior do homem. A partir do homem mudado, este começa a sentir a necessidade de servir seus irmãos que carecem. Esta concepção é íntima, levando o homem a despojar-se do supérfluo, do desnecessário e, com isso, servir o semelhante. No entanto, quando o homem passa a exigir dos outros e do Estado esse comportamento, não assimilou, ainda, o básico princípio do Espiritismo. Para que o homem espírita tenha a triste pretensão de modificar os outros, antes precisa analisar-se intimamente e ver até onde já chegou. O Espiritismo tem mensagem muito mais profunda para a humanidade. Ele é a consolação. Ele é o caminho para a redenção.

Que o espírita esteja envolvido nos problemas políticos e sociais, ninguém tem nada com isso, muito pelo contrário, pois, caso lhe agrade, deve ter essa participação, inclusive ostensiva. No entanto, fique bem claro que estamos dizendo o espírita e não o Espiritismo. Mesmo porque, felizmente, o Espiritismo não tem representantes autorizados. Quem fala, fala por si ou, quando muito, e devidamente autorizado, pela Instituição que eventualmente está representando. O Movimento Espírita, quando os líderes são conscientes, deve e precisa servir somente a Doutrina Espírita, cuidando de encontrar meios e formas de implantar o Espiritismo e seus conceitos nos homens. Quando o Movimento Espírita passa a cuidar de assuntos pertinentes ao Estado, sem credenciais e nem representação para

isso, torna-se um grupo de espíritas, não o Movimento Espírita.

Sempre espíritas estiveram envolvidos nesse campo político. No entanto, foram e são eles que falam, que trabalham, que se opõem, que lutam. Jamais envolveram o Espiritismo nessa área. Se o fizeram, faliram na tarefa.

Fica a lição de Jesus. Era Ele esperado como aquele que iria tirar o oprimido povo Judeu do Jugo Romano. No entanto, trouxe a Boa Nova e pregou a paz entre os homens. Não fez nenhuma reivindicação aos detentores do poder. Não transigiu com os seus ensinamentos que eram divinos. Não se deve confundir as coisas. Se alguém deseja participar dos problemas sociais e entender que deva, que o faça em seu nome, individualmente, filiando-se às correntes políticas do Estado. Problemas do Estado pertencem ao Estado, através dos mecanismos políticos e sociais legalmente instituídos. Ao Espiritismo pertence a consolação das almas.

Ao que diz que tudo está errado, desconhecendo ou procurando desconhecer os princípios das vidas sucessivas, ficam sempre algumas perguntas:

- a) O que fez e faz de real para diminuir a carência dos aflitos?
- b) Qual a participação que tem nas obras assistenciais que lutam por minorar a dor dos semelhantes?
- c) Qual a contribuição financeira que oferece para que o sustento das obras assistenciais seja mais efetivo?

A resposta a essas questões é de fundamental importância, pois, revela a autoridade do procedimento.

Não se deve fazer como aquele religioso que chegou para uma reunião com os miseráveis patrícios denominados “sem terra”, para pregar o absurdo dos latifúndios e a abastança dos ricos proprietários, dirigindo um automóvel de luxo, último modelo, e de sua propriedade particular. Triste exemplo deu esse religioso, embora o seu discurso tenha sido inflamado.

Que não levem, nunca, por personalismo, a Doutrina Espírita para a vala comum dos que nada mais têm para oferecer. O Espiritismo tem muito para dar. É só trabalhar. É só operar em nome Dele, esquecendo-se de si próprio.

Nota da Editora: O autor escreveu este artigo em começo de 1985, quando se iniciou, no Brasil, a Nova República, após 21 anos de governos militares.

UMA PEDRA NO CAMINHO DO REINO

(Mateus, 19: 16-24).

Richard Simonetti

Jesus terminara uma de suas costumeiras pregações, maravilhando a multidão com notícias da bondade de Deus e promessas de uma Felicidade sem limites, na Eternidade, para os que observassem seus ensinamentos, quando se aproximou simpático jovem, senhor de imensa fortuna. Ele impressionara-se com o que lhe fora dado ouvir e mostrava-se emocionado, empolgado mesmo, a ponto de diri-gir-se a Jesus, dizendo-lhe:

— Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a Vida Eterna?

Jesus o contemplou com simpatia e respondeu:

— Por que me chamas Bom? Ninguém é bom senão Deus. Se queres entrar na Vida, guarda os mandamentos.

— Que mandamentos, Senhor?

— Não matarás, não cometerás adultério, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe e ama o teu próximo como a ti mesmo.

— Ah! Senhor. Tudo isso tenho feito desde a minha infância...

— Então — diz Jesus — só uma coisa te falta: vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-me.

Ao ouvir estas recomendações o jovem entristeceu-se e, visivelmente abatido, retirou-se. Isso ele não podia fazer, pois era muito rico...

Proclama Jesus:

— Digo-vos que dificilmente um rico entrará no Reino dos Céus; ainda vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus.

Para que possamos compreender o pensamento de Jesus, sem julgarmos que ele alimentasse preconceitos contra a riqueza, é preciso definir onde está o Reino de Deus.

Segundo o próprio Evangelho, não se trata de um local geográfico. Seria impossível estabelecer que aqui, ali, acolá, esteja o Reino, já que tudo no Universo é propriedade de Deus. O Reino, como bem explica o Mestre, é uma realização interior, marcada pelo equilíbrio, a serenidade, a alegria, o bom ânimo, fruto de uma superação das ambições e fraquezas humanas e do empenho por compreender o que a Vida espera de nós.

Como atingir tal meta? Qual o caminho que nos permitirá encontrar o Reino no continente íntimo? Vários caminhos têm sido trilhados pelo Homem:

Para o faquir indiano essa conquista interior seria decorrente de uma mortificação do corpo; para os cristãos medievais seria a solidão contemplativa; para os antigos egípcios estaria no culto aos mortos e à própria Morte; para os sábios gregos seria decorrente de uma definição dos problemas humanos; para o católico de ontem estava na participação do culto e na comunhão com os santos; o protestante o procura na fé em Jesus; o espírita procura o caminho na prática da Caridade.

Há esses e muitos outros caminhos propostos, alguns ingênuos, outros confusos e até tortuosos, mas respeitáveis todos eles como experiências na procura do Reino. De qualquer forma, todos aqueles que estão procurando se situam adiante dos que ainda não se decidiram a caminhar, entregues à indolência e ao comodismo.

Todavia, se vários são os caminhos para o Reino, há um obstáculo comum, que raros conseguem superar: a riqueza. Isto por uma razão muito simples: para ser conquistada, acumulada, preservada, ela exige um violento envolvimento com os interesses do Mundo, na selva sombria das disputas, dos jogos de interesses, onde, geralmente, o homem rico acaba por comprometer-se moralmente. E ainda que se mantenha íntegro, sem desonestidades, sem opressões, estará submetido a tantas tensões e tantos problemas, a exigirem sua ação pronta, enérgica, em constante desgaste emocional e mental, que jamais terá condições íntimas para cogitar do Reino.

Evidentemente não se pode condenar a riqueza, porquanto seria absurdo, como comenta Allan Kardec, em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", pretender que Deus a colocasse no Mundo como instrumento fatal de perdição. Pelo contrário — ela pode ser usada com muito proveito, promovendo o progresso e o bem-estar da Humanidade. Muitos ricos-generosos habilitam-se a uma acolhida festiva no plano espiritual pelo bom uso que fizeram do dinheiro. Raros deles, entretanto, lá chegarão de consciência tranquila, com o Reino edificado em seus corações, em virtude dos problemas relacionados com os bens materiais.

Não é por outra razão que os grandes benfeitores da Humanidade sempre escolheram vida simples, sem se atrelarem aos interesses econômicos, de forma a não comprometerem a própria tarefa.

Podemos concluir, pois, que a riqueza é uma experiência muito difícil — verdadeira provação. O pobre, pelas próprias limitações a que está submetido, pelas privações que experimenta, situa-se automaticamente em processo de renovação. Já o rico vai depender muito, não do que a Vida lhe ofereça, mas do que ele vai oferecer à Vida. O problema é que ele dificilmente terá tempo e disposição para dar à Vida o que ela espera dele.

EM LOUVOR O O LIVRO ESPÍRITA

Therezinha Oliveira

Com estaios ruidosos, responderam os Espíritos às indagações da Família Fox, em Hydesville, e atraíram a espantada atenção do povo americano.

Generalizando o intercâmbio, movimentaram mesas, falando por elas na tiptologia, e divertiram a curiosidade da Europa inteira.

Mas quando Kardec enfeixou-lhes em livros os ensinamentos sublimes, a Humanidade terrena se apossou de uma Doutrina que lhe recristianizou idéias e crenças.

Desde então, a revelação admirável vem se propagando entre as massas, de criatura a criatura.

Nessa passagem, é fatal haver quem...

... não a assimile completamente e lhe turve o sentido,

... tente adaptá-la a interesses particulares,

... lembre apenas parte do todo revelado,

... a deseje sufocar no silêncio.

O livro espírita, contudo, reedita, a qualquer tempo, pura e acessível, a Doutrina dos Espíritos, preservando-a para a Humanidade.

Alguém nos iniciou na fenomenologia espírita. Outro nos instruiu na verdade que desconhecíamos. Terceiro nos confortou no momento da dor, com palavras ou auxílio fraternos.

Todos, porém, seguem um destino próprio, sem se prenderem à nossa vida, enquanto o

livro espírita permanece ao nosso alcance, explicando o fenômeno, comentando os ensinamentos revelados, prodigalizando as mensagens consoladoras do amor e da esperança.

Beneficiado pela Doutrina, você deseja colocá-la ao alcance dos que a necessitam sem o saber ou recalcitram ante a verdade.

E o livro espírita...

... chega aonde você não pode ir,

... não constrange como a sua presença física,

... aguarda sem pressa o momento propício,

... argumenta sem se exaltar, esclarece sem ferir, repete sem cansar.

Em toda a obra da codificação kardequiana e até os dias de hoje, o livro espírita tem sido o portador fiel e o difusor incansável das idéias renovadoras.

Exaltando-lhe a função, comemoemos o “Dia do Livro Espírita”.

E, em o fazendo a 18 de abril, data em *que* Kardec publicou em Paris, no ano de 1857, “O Livro dos Espíritos”, ressaltamos-lhe a presença desde o marco inicial da Doutrina Espírita em rosso mundo.

ESPIRITISMO PARA ENCARNADOS

Sérgio Lourenço

“Não fosse o Espiritismo e centenas de milhares de homens continuariam aflitos e desesperados diante do sepulcro, indagando e perquirindo, como os antepassados de remotas Eras...”

Vianna de Carvalho

Temos observado, e confessamos que com muita tristeza, um comportamento *que vem se* alastrando no meio espírita, comportamento esse não condizente com os princípios que geraram o Espiritismo.

A Doutrina dos Espíritos veio no tempo devido para trazer aos homens a consolação que o

Cordeiro de Deus houvera prometido. Ditada e orientada por Espíritos de escol, mostra, mais uma vez, a preocupação do Pai com seus filhos encarnados à frente de tantas misérias e tentações. Trouxe, também, a certeza da comunicabilidade entre os mundos dos “vivos” e o mundo dos “mortos”, não havendo, em razão de tantas provas, mais dúvida alguma sobre esse fato.

No entanto, aproveitando a Espiritualidade Superior essa possibilidade de comunicação dos “mortos”, nos oferece, através de Espíritos desencarnados, o verdadeiro retrato de vidas em débito por excessos cometidos, ou ociosidade vivida. Vendo o sofrimento desses irmãos que partiram com tanta carência de valores, muitos irmãos encarnados ainda não entenderam que o mal desses Espíritos tem seus remédios na própria dor. O que importa é o espírita conscientizar-se do erro alheio e não obrar, também, no mesmo engano.

Tal fato, porém, muitas vezes não surte efeito, pois, o espírita se condói todo daquele Espírito e não percebe o seu comportamento que o levará as mesmas condições amanhã.

Orar e pedir em favor desses espíritos é obrigação de todo crente sincero, mas, não podemos esquecer de guardar a lição, mudando, em consequência, nosso rumo de comportamento, pois, caso contrário, de nada valeu o esforço da Espiritualidade Superior em mostrar o estado daquela alma desencarnada.

Portanto, já é tempo de se fazer, em nossos núcleos, mais Espiritismo para os encarnados e menos para os desencarnados. A mudança de comportamento é fundamental. Para isso a Doutrina Espírita foi revelada à humanidade.

OVELHAS DESGARRADAS

(Lucas 15: 1-7)

Richard Simonetti

Publicanos, os odiados cobradores de impostos, e pecadores, gente chamada de má vida, compareciam fre-qüentemente às reuniões onde Jesus transmitia Suas lições. O Mestre a todos recebia com bondade, sem distinções ou admoestações. Estava interessado em somar, não em dividir; em recuperar, não em condenar. Porém, escribas e fariseus, os orgulhosos intérpretes do Judaísmo, criticavam acremente seu liberalismo, situando-o por incompatível com os rigores da lei mosaica.

Jesus respondia, sabiamente:

, "Qual de vós é o homem que, possuindo cem ovelhas e tendo perdido uma delas, não

deixa as noventa e nove no ^deserto e vai à procura da que se desgarrara, até encontrá-la? Quando a tiver achado, põe-na cheio de júbilo sobre os ombros e, chegando em casa, reúne seus amigos e vizinhos e lhes diz: “Congratulai-vos comigo, porque encontrei minha ovelha que se havia perdido!” Digo-vos assim, que haverá maior júbilo no-Céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.”

O ensinamento é claro e objetivo. A imagem do pastor que procura a ovelha desgarrada e regozija-se por encontrá-la nos diz bem que no Céu não há discriminações.

A Misericórdia Divina não teria sentido se dirigida apenas aos bons. É diante do Mal que ela tem oportunidade de manifestar-se plenamente. Ninguém mais necessitado de ajuda do que o indivíduo comprometido com o erro, o vício, o crime...

Inadmissível, portanto, simplesmente marginalizar o transgressor das Leis Divinas. Ninguém é tão criminoso ' que perca a condição de filho de Deus. Nem tão mau que deixe de ser amado pelo Criador.

Naturalmente a Jição de Jesus não é um exercício de passividade. Ele não pretende que pactuemos com o erro e, sim, que não discriminemos o que erra, oferecendo-lhe a oportunidade de trabalhar pela própria reabilitação, sempre que se disponha a esse esforço.

O ensinamento evangélico vai sendo assimilado pela própria justiça humana. Criminosos variados, em países de legislação mais avançada, começam a ser encarados como doentes que precisam muito mais de tratamento do que de castigo. As prisões do futuro serão transformadas em hospitais, onde a laborterapia, a orientação profissional, psicológica e moral serão aplicadas cuidadosamente, ajudando as “ovelhas tresmalhadas” a superarem seus conflitos íntimos e tendências inferiores, herdados, não raro, do próprio ambiente social onde se situam.

É particularmente no lar que somos chamados à vivência dessa preciosa orientação, a fim de que tenhamos condições para ajudar familiares em desajuste.

Um amigo nosso, homem equilibrado e sensível, tem um problema terrível com o filho, alcoólatra inveterado que, com a própria consciência “afogada” no vício e minada por obsessores espirituais que o assediam, leva existência de indolência e irresponsabilidade. Muitos lhe dizem:

— Mande embora o rapaz! Você já o tolerou demais. Ele só lhe dá desgostos!

Mas o pai responde:

— Ele é meu **filho**. Não é mau. Está apenas doente, espiritualmente. Se eu o expulsar ele estará perdido. Precisa de minha ajuda. Sou seu único apoio...

Temos aqui a imagem perfeita do pastor cuidando da ovelha, tentando retirá-la do abismo.

— Perde seu tempo! O filho é irrecuperável ! — dirá alguém.

Engano. Ninguém é irrecuperável. Talvez durante a existência inteira, o filho não chegue a modificar o comportamento, superando o vício. Um dia, porém, na Terra ou no Além, acabará por entediarse da própria condição. Chegará ao “fundo do poço”. Desejará ardentemente safar-se.

Então o pai constatará que não se perdeu o devotamento ao filho, porquanto o carinho, a ajuda, a compreensão, a tolerância exercitados em seu benefício representarão para ele, ao mesmo tempo, valores de despertamento e a base de sua própria renovação. É impossível conviver com a bondade sem ser decisivamente influenciado por ela.

Raros estão realmente integrados no Rebanho Divino. A função dos cristãos verdadeiros, à semelhança do Mestre, é viverem tão intensamente Seus ensinamentos, exercitando fraternidade e bondade, que tornem irresistível o apelo do Bem, ajudando filhos transviados de Deus a safarem-se de desvios abismais.

CARTA DE FILHO

Therezinha Oliveira

Papai,

estive fazendo contas e verifiquei que você se criou há pouco mais de vinte anos antes de mim.

Mas o mundo, dizem, se transformou tanto nesses poucos anos que entre você e mim um abismo se fez...

Bem, talvez essa afirmativa corresponda à verdade, se forem comparados o tipo mais vanguardeiro da minha geração e o mais retrógrado que a sua apresentar.

Na média geral, porém, pais e filhos têm muitos e fortes pontos de contato e comunicação,

assim como você e eu, não acha?

Vimos tanta coisa juntos! Muito do que emprego na minha vida diária aprendi com você. Unidos já gozamos alegrias, solucionamos problemas. E, quando penso no meu futuro, você sempre está nele também. Temos recordações, atualidades e esperanças a partilhar, não é mesmo?

Sabe, acho que sei porque continuamos assim unidos enquanto outros se deixaram apartar. É porque nos amamos e por amor procuramos, então: você, não parar demais dentro da vida e eu, não me extremar.

Mesmo assim, haverá momentos, papai, em que terei de seguir além para alcançar e cumprir o programa de minha existência. Mas nunca irei tão longe que me alheie de você, nem deixarei de voltar a buscá-lo para um abra-

ço amigo e a troca de nossas experiências.

Numa corrida de revezamento, o último homem é que alcança a meta visada. Ao romper triunfante a fita de chegada poderá ele atribuir a si mesmo todos os louros, ignorando a metragem antes percorrida pelos companheiros de equipe?

No revezamento da vida, recebi de você, pai, o bastão do progresso já iniciado. Estou começando a correr minha parte agora. E você, metas praticamente alcançadas, principia a diminuir sua marcha. . .

Nenhum de nós dois será, ainda, o vencedor final. A vitória do progresso que buscamos exigirá muitos e muitos retornos à Terra para que a alcancemos. E quando chegarmos à perfeição espiritual, meta de nossa corrida evolutiva, seremos todos vencedores de um mesmo triunfo comum.

Hoje, neste seu dia, meu pai, tudo isto pensou e quis lhe dizer para que você soubesse, o Seu Filho.

CRÍTICA

Sérgio Lourenço

“Não desanime em razão da crítica. Se a censura é serviço cabível a qualquer um, a realização elevada é obra de poucos.”

André Luiz

Aceitando o valor religioso do Espiritismo, necessário se faz o aprendiz parta sem titubear para o auxílio ao próximo, pois, só assim poderá valer, em si, o princípio de que “fora da caridade não há salvação”. Este auxílio é a concepção global do lema recomendado pelo Mestre Allan Kardec, abrangendo o seu sentido material e espiritual . É importante que o homem viva na prática o que prega. Esse o exemplo.

Todo aquele que fica enclaustrado dentro dos conhecimentos adquiridos da Doutrina Espírita e não faz a sua demonstração na prática, em nada aproveitou o verdadeiro caminho que lhe foi indicado. Mas, felizmente, são poucos os que assim agem, pois, a maioria dos espíritas parte para as obras sociais e assistenciais com todo o ardor de um verdadeiro convicto, e não raro, até com sacrifícios pessoais sérios, para ver, a assistência aos semelhantes menos felizes, totalmente coroada de êxito.

Mesmo assim, com todo o desinteresse pessoal que labutam, ainda são, quase sempre, vítimas de uns poucos acomodados que ficam, como fiscais e procuradores da Justiça Divina, a analisar e cuidar das coisas feitas pelos abnegados trabalhadores.

Lamentavelmente é de se convir que num mundo tão grosseiro como o nosso, todo aquele que se propõe a fazer alguma coisa pelo seu semelhante, ainda é visto com reservas. Isso aconteceu com Jesus.

A crítica deve e precisa existir, inclusive no meio espírita, porque somente através dela é que muitos impulsos podem ser contidos.

No entanto nunca se deve esquecer a advertência de Abraham Lincoln de que, “só os que ajudam têm o direito de criticar”.

POR AMOR

(João, 9: 1 a 3)

Richard Simonetti

Diante de um homem que nascera cego, perguntam os discípulos a Jesus:

“Mestre, quem pecou para que nascesse cego: ele ou seus pais?”

A questão proposta é profundamente reveladora. Demonstra que a comunidade cristã aceitava a reencarnação e admitia que os sofrimentos humanos são decorrentes de faltas cometidas em existências anteriores, embora imaginando, erroneamente, que os filhos pudessem pagar pelas faltas dos pais (resquício, talvez, da draconiana legislação mosaica,

que atribuía a Jeová, no quarto mandamento da Lei, a disposição de castigar até a quarta geração daqueles que o aborrecessem).

Explica Jesus:

“Nem ele pecou, nem seus pais, mas isto se deu para que as obras de Deus sejam manifestas.”

A resposta confirma que Jesus ensinava a Reencarnação. Se assim não fora, teria desfeito o engano contido na pergunta. Em outras passagens evangélicas Ele faz referência ao assunto. Deixa bem claro, em Mateus, 11:

7 a 15, e Marcos, 9: 9 a 13, que João Batista era a reencarnação de Elias, E no célebre diálogo com Nicodemos (João, 3: 1 a 21), ante a surpresa do interlocutor que imaginava a impossibilidade de um homem entrar de novo no ventre de sua mãe, interroga: “És mestre em Israel e não sabes destas coisas?” — demonstração evidente de que a casta dos fariseus, à qual pertencia Nicodemos, tinha conhecimento, em suas doutrinas secretas, das vidas sucessivas.

O princípio reencarnacionista está presente nas culturas mais antigas, notadamente em grandes civilizações como a egípcia e a hindu, o que é natural. Todos os povos percebem intuitivamente os mecanismos que presidem a evolução das coletividades humanas. O Espiritismo nada mais faz senão defini-los com exatidão, livrando-nos de fantasias e credices. E demonstra que a Reen-carnação é indispensável no estágio em que se encontra a Humanidade. As experiências na carne devem repetir-se tantas vezes quantas forem necessárias, até que o Espírito, aluno matriculado no educandário terrestre, assimile suas lições, habilitando-se a escolas mais avançadas.

A resposta de Jesus pode parecer estranha, porquanto ninguém deve pagar senão o que deve. Quem nasce cego possui, certamente, débitos cármicos que justifiquem semelhante resgate. Todavia, acreditamos estar diante de exceção à regra: um Espírito que reencarnou para secundar Jesus em sua grandiosa missão e escolheu a cegueira congênita, não como expiação, mas por valiosa experiência, que lhe proporcionaria a felicidade de sublime encontro com o Cristo, de cujas mãos abençoadas receberia a cura.

Isso terá ocorrido com muitos colaboradores de Jesus, criaturas tão conscientes da grandeza do Mestre, tão sensíveis e espiritualizadas, que ao primeiro contato dis-punham-se a segui-Lo para sempre. Seus sofrimentos e lutas não foram expiatórios. Ofereceram, simplesmente, um testemunho de amor. Imolaram-se para que se manifestassem no Mundo as obras de Deus.

Há exemplos marcantes a respeito do assunto. Observemos certas mães, às voltas com marido e filhos desajustados, inconseqüentes e rebeldes. Uma santa rodeada de criminosos! Eles deseducados, viciados, agressivos, perturbados... Ela enfrentando mil atribulações, diligente no cumprimento de seus deveres, orientando, ensinando, edificando sempre, com a força de uma paciência sem limites.

Podemos dizer que mulheres assim estão em expiação dolorosa? Ou sujeitam-se à convivência com Espíritos atrasados e inconseqüentes, inspiradas no Amor?

Embora podendo seguir outros rumos, ligando-se a Espíritos mais equilibrados, voltam ao convívio de seus desajustados afetos, filhos de seu coração, imolando-se em sacrifícios e lutas. Para quê? Para evoluir? Para resgatar débitos? Para merecer o Céu? Nada disso! Fazem-no apenas para ajudá-los.

E ainda que seus amados não correspondam às suas expectativas, a sementeira não terá sido em vão. Quando a Vida se tornar mais dura para eles, limitando seus impulsos e corrigindo suas tendências, as sementes de sua dedicação e sacrifício germinarão em seus corações, produzindo frutos abençoados de arrependimento e renovação.

COMO FICARIA O MUNDO, SEM O AMOR DAS MÃES ?

Therezinha Oliveira

Você é mãe e me escreve, entristecida pelas considerações que ouviu de alguém. Disse-lhe esse alguém que a sociedade somente exalta o amor materno para engodar a mulher, para “dourar a pílula” do papel que lhe é destinado na estrutura social. Segundo esse alguém, a mulher é conduzida a viver em sacrifício e apagadamente, no interior do lar, satisfazendo ao egoísmo dos filhos e do marido. Que isso é cômodo para a sociedade mas injusto para com a mulher, que não se realiza plenamente como pessoa, ficando um ser bitolado e dependente na estrutura social. Que, para iludir a mulher e levá-la a permanecer no papel que lhe assinalaram, chovem os elogios e encômios à maternidade.

Você ouviu e estava tão cansada das lutas de cada dia!... Doía-lhe um pouco a incompreensão dos familiares. E aquela voz parecia falar com tanta certeza... Deprimiu-se e começou a pensar: Será, mesmo? Será que me dedico ingloriamente, explorada pelo egoísmo social?

Posso ajudá-la a meditar a respeito? Permita-r brar a você que quem assim lhe falou viu apenas^ to material da questão. Tudo, neste mundo^ pelo ângulo do materialismo e de uma ú« se reduz e empobrece, quando não se tranf surdo e inutilidade.

Você, porém, não desconhece que sor imortais e evoluímos através de existências im recebendo sempre da vida, pela lei de ação e de reação, os efeitos de nossos atos.

Também sabe que nos encarnamos para disciplinarmos as tendências infelizes e desenvolver as potencialidades sublimes de nosso Espírito.

É ainda do seu conhecimento que somente pela lei do amor conseguiremos, aqui ou além, semear com acerto e felicidade, para colher situações melhores.

Por certo você já chegou à convicção de que compete a todos nós, Espíritos ligados a este planeta, construir em nós e nos que nos rodeiam as bases de uma humanidade cristã, único meio de obtermos um mundo regenerado amanhã.

Que essa construção somente se obtém educando, o asseverava o inesquecível evangelizador Vinícius. E o Cristo aceitou como título de honra o ser chamado Mestre, não mestre-escola apenas, não só instrutor mas educador. A educação, portanto, é a mais elevada e importante missão sobre a Terra.

E aí está você, no trabalho da educação cristã, no reduto do lar, no ambiente da família, célula da pátria e da humanidade. Dizem que outros colocaram você aí por egoísmo. Mas você própria, se pudesse analisar os benefícios que essa tarefa lhe traz, pelo que enseja de disciplina e desenvolvimento pessoal como pela possibilidade de cooperação ao progresso geral, você própria, depois de esclarecida, não escolheria esse mesmo ambiente e essa mesma missão?

Sim, essa tarefa lhe absorve bastante a atenção, o tempo, as forças. Afinal, não se educa à distância, nem em rápidos contatos com alguém, nem a curto prazo. A modelagem das almas requer convivência, vigilância, serviço, afetividade. Somente assim chegamos a conhecer alguém, a estabelecer vínculos de confiança e intimidade e a, pelo exemplo perseverante, transmitir o ideal que nos anima.

Mas, se você organizar atividades e distribuir o tempo com proveito, não estará proibida de se atualizar, de se integrar na comunidade, atendendo à satisfação de anseios válidos outros, além de educadora do lar.

Não se entristeça mais, pois. Que seria da Humanidade sem aqueles que aceitam viver em renúncia para

que o Bem geral se faça? “Vós sois a luz do mundo!” Não falou assim Jesus aos

seus discípulos? "Brilhe a vossa luz para que os homens a vejam e louvem a Deus!"
Não foi o que Ele pediu?

Esteja certa, minha irmã, de que, no amor das mães, que sustenta a sociedade, a Humanidade vê, sim, a bondade e a providência divina. Por isso lhe exalta o nome e a missão da maternidade. Enquanto brilharem as mães em renúncia e devotamento, no reduto do lar, o mundo poderá crer no amor e esperar em Deus.

Você sabe que é assim e muitas vezes sente em seu coração a bênção do Senhor, nas alegrias do afeto e nas colheitas da sua sementeira como educadora.

Retome o bom ânimo, amiga! E a quem lhe disse tanta coisa impensada e infeliz, indague apenas: — Como ficaria o mundo, sem o amor das mães?

NAO POSSO MORRER

Sérgio Lourenço

“Não te agastes nunca. Coisa alguma deve constituir-te de contrariedade.”

Joanna de Ângelis

Como sempre acontece na convivência social, também temos, em nosso círculo de amizade, aquelas criaturas engraçadas e bem humoradas que fazem da vida uma constante alegria de viver.

Uma dessas criaturas que conhecemos é um barbeiro profissional, espírita, e que se converteu ao Espiritismo em razão de uma cura física que mereceu do Alto, através de um médium da cidade.

Era ele, esse nosso amigo, portador da terrível e ainda incurável doença de Chagas. Como se agravava dia--a-dia o seu estado de saúde, sendo sempre desenganado pelos médicos e hospitais que procurava, inclusive institutos especializados, tratou o nosso amigo, de procurar o médium em causa, em razão das maravilhosas coisas que ouvia a seu respeito. Atendido por algumas vezes, melhorou de tal modo que lhe foi garantido, pelo Espírito, que estava curado, podendo, em consequência, fazer novos exames para comprovar.

Como reação lógica de um crente ainda não muito firme em sua convicção, tratou de fazer todos os exames e consultar seus médicos. Como resultado obteve o diagnóstico de curado. Todos os exames negativos. Nada mais apareceu da doença. Nenhum sinal, para espanto dele e **de todos.**

Daí para a frente, e isso *Já faz* uns quinze anos, periodicamente se submete aos exames de rotina que, como sempre, são negativos. E como consequência, passou a ser um pregador do fato para tudo e para todos. Vive a encaminhar e doutrinar doentes, numa ânsia *incrível* de ver todos, como ele, curados. Por qualquer *queixa* de alguém, lá vai ele logo dizendo que deveria procurar incontinentemente o médium, pois, ali está a solução.

Como é normal, infelizmente, muitas pessoas que o escutam na barbearia, não acreditam na história e sempre o ofham com certa reserva. No entanto, ele sabe, como todos sabemos, que está sendo observado, principalmente pelos inimigos gratuitos do Espiritismo e *da* mediuni-dade. Ainda mais que o médium reside na mesma cidade e o ditado popular de que “santo da terra não faz milagres”, continua sempre válido e em primeiro plano para muitos.

Assim, outro dia, em conversa que mantínhamos enquanto nos atendia, com o salão lotado de fregueses, muito bem humorado como sempre, saiu-se, esse *nosso amigo*, com esta: °

— Pois é.. . Aqui, nesta cidade, o único “cara” que não pode morrer sou eu, isto porque, tem *muita gente de olho* em mim. . . Quando isto acontecer, não importa o tempo, irão dizer que não obtive cura nenhuma e que o médium, essa boa alma, é um charlatão. Por isso já estou preparando “meus Guias”, a fim de que, ao chegar a minha hora de morrer, que eu esteja bem longe daqui. Se possível, morrer como indigente para ser enterrado como um desconhecido.

Realmente, a observação desse *nosso amigo* tem muito de verdade. Para nós, os reflexos do coração são sempre norteados de acordo com a nossa disposição de ver as coisas. Quando não olham como verdadeira uma cura de mais de quinze anos, é porque não querem mesmo aceitar. E como o homem dificilmente aceita e participa da dor e da felicidade alheias, o fato fica sempre sob suspeita.

Então, esse *nosso amigo* é um daqueles que realmente não pode morrer, caso contrário, morrerá com ele, uma bênção de Deus.

Como é difícil aceitar-se as coisas simples, quando se alicerça a fé em preconceitos.

0 HOMEM NOVO

“Digo-vos, portanto, e peço-vos, em nome do Senhor, que não torneis a proceder com a futilidade dos gentios, eles que estão alheios à vida de Deus, por causa da ignorância em que se encontram e do endurecimento de seus corações. Perdido todo senso de honestidade, entregaram-se à desenfreada busca de prazeres, lançando-se com ardor a toda sorte de impurezas.

Vós, porém, foi bem outra coisa que aprendeste com Cristo, se é que de fato O tendes ouvido e nEle vos instruístes. Aprendestes a trabalhar pela própria renovação, despojando-vos do homem velho, que se corrompe ao sabor das paixões enganadoras, para serdes o homem novo, criado à imagem de Deus, em justiça e retidão procedentes da Verdade”. (Efésios, 4: 17-24)

- oOo-

O homem comum, em todos os tempos, quando procura as atividades religiosas, tem estado atento apenas aos aspectos exteriores — presença física, ritos e rezas — acalentando a pretensão de que esse tipo de participação, aliado à crença superficial nos poderes espirituais que governam o Mundo, seja suficiente para garantir-lhe paz na terra e felicidade no Céu.

Não obstante os esforços respeitáveis de líderes religiosos mais lúcidos, que divulgam incansavelmente a necessidade de uma vivência autêntica do Evangelho, as igrejas permanecem repletas dos cristãos de hora certa — aqueles que aceitam o Cristo, que falam do Cristo, que procuram o Cristo, apenas quando comparecem ao culto, movidos muito mais pelo condicionamento social do que pelo propósito de buscar inspiração para um comportamento mais nobre e puro, o que significaria estar com Jesus em todos os momentos.

Essa presença nas igrejas, marcada pela ausência do esforço íntimo de comunhão com o Cristo, tem mantido considerável parcela das comunidades religiosas muito próximo da intemperança dos gentios, que se empolgam exclusivamente por interesses e prazeres imediatistas.

Sendo a Doutrina Espírita a mensagem nova que revive o Cristianismo com a linguagem da razão, alertando-nos quanto à extensão de nossas responsabilidades diante da Vida, seria de esperar-se dos espíritas um comportamento diferente. É preciso considerar, entretanto, que fomos os cristãos distraídos de ontem e, lembrando André Luiz, contra a pálida réstia de luz que há em nós hoje, representada pelo conhecimento da Terceira Revelação, há montanhas de trevas acumuladas no passado inconse-qüente.

Por isso, revivem os Centros Espíritas os mesmos dramas do Cristianismo de

sempre, com a participação de velhos cristãos de hora certa, que fazem das reuniões doutrinárias e mediúnicas um novo culto exterior, marcado pela procura de favores da Espiritualidade, totalmente desligados de qualquer propósito mais edificante.

Semelhantes males atingem até mesmo os que participam ativamente das instituições espíritas, os quais, não obstante dispostos ao trabalho, andam distraídos de suas responsabilidades, criando variados problemas com um comportamento distanciada da ética espírita, que prevê para o servidor o cumprimento das virtudes evangélicas como roteiro indispensável, a fim de que valorize o serviço e desempenhe com proveito suas tarefas.

E quando chamados à razão, convocados à reformulação de suas atitudes, estes companheiros usam o velho e surrado argumento: “Não esperem muito de mim! Estou apenas tentando ser espírita! Ainda sou fraco e pecador!”

Assim o colaborador da obra assistencial explica a agressividade com que fere os beneficiários de seu trabalho e complica o relacionamento com os companheiros...

Assim o expositor doutrinário justifica vícios e mazelas que invalidam sua mensagem...

Assim o diretor de instituição espírita desculpa seus deslizes morais e falhas de comportamento, que o situam no lamentável farisaísmo religioso.

Talvez estes companheiros amem a Doutrina Espírita, o Consolador prometido por Jesus, a luz bendita que explica a Vida e lhe empresta objetivo e significado, mas, no fundo, amam muito mais a si mesmos. Assim, comprometem-se e comprometem as tarefas a que foram chamados, invertendo a recomendação evangélica: ao invés de renunciar a si mesmos para seguir o Cristo, renunciam ao Cristo para seguir a si mesmos.

Somente superaremos semelhantes males na medida em que nos conscientizarmos de que a jornada na Terra tem objetivos inadiáveis, que poderiam ser resumidos numa única palavra: **RENOVAÇÃO**.

É para vencer milenárias tendências inferiores, impulsos primitivos de animalidade que se manifestam na forma de agressividade e violência, sensualidade e vício, inconseqüência e desatino, que estamos na carne, lutando e sofrendo, enfrentando, em regime de pagamento compulsório, velhas dívidas; reencontrando velhos desafetos para ensaiar perdão; revivendo velhas situações que marcaram nossas quedas no pretérito, a se apresentarem como testes de nossas aquisições morais.

O roteiro de nossa vitória é exatamente esse empenho de reformulação, a derrubada do homem velho, eivado de imperfeições, para o nascimento do homem novo a que se refere Paulo, “criado à imagem de Deus, em justiça e retidão procedentes da Verdade”.

Se não buscarmos essa renovação, pouco produziremos, por melhores que sejam nossas intenções, porquanto faltará amor e integridade em nós. A nossa vida será uma mentira, a nossa virtude recenderá a mistificação, a nossa procura redundará em decepção, a nossa palavra soará sem eco, sem que jamais consigamos edificar os corações e, o que é pior, sem que jamais nos sintamos realizados e felizes.

QUEREMOS VER DEUS

Therezinha Oliveira

Narra João, no capítulo 14 do seu Evangelho, que Jesus falava aos discípulos, no sermão do Cenáculo, preparando-os para sua partida, em breve, procurando solidificar-lhes a fé pela maior compreensão da vida espiritual, quando Filipe o interrompeu:

— Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta.

Talvez tenhamos pensado também, um dia, com a objetividade do apóstolo: Em vez de muitas palavras, longos discursos, extensas explicações, se Deus existe, que Ele nos apareça, que no-Lo mostrem, e não perguntaremos mais nada.

Deus, porém, é Espírito, como o esclareceu Jesus à mulher samaritana (João 4, vs. 24), e o que é de natureza espiritual não pode ser visto com os olhos da carne.

Os olhos do corpo não permitem enxergarmos diretamente os Espíritos. A não ser que estes estejam temporariamente materializados, quando, então, todos que não sejam cegos os poderão ver. Ou quando causam efeitos em nosso meio ambiente, como o resplendor que assinalou para Paulo, na estrada de Damasco, a presença de Jesus.

Os que vêem Espíritos enxergam-nos com os olhos da alma, pelas faculdades do seu perispírito, modernamente estudadas como percepção extra-sensorial.

Quando Filipe pediu “Mostra-nos o Pai”, Jesus redar-guiu:

— **Estou convosco há tanto tempo e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim, vê o Pai; como é que tu dizes: Mostra-nos o Pai?**

Quem tivesse “olhos de ver”, quem soubesse observar, analisar e sentir,

reconheceria em Jesus a mais alta expressão de espiritualidade que a Terra já pôde receber. Uma natureza espiritual encarnada a revelar a sabedoria e o amor de Deus, seu divino Criador.

Filipe convivia com Jesus há anos, ouvira seus ensinamentos, presenciara seus admiráveis feitos. Se não se dera conta da realidade espiritual, que em Jesus atuava através de um corpo de carne, de modo visível para os olhos de todos, como poderia, então, “ver” Deus, puramente espírito?

Não será com os olhos da carne que veremos Deus. Nem ao desencarnar o enxergaremos, se não tivermos desenvolvida a sensibilidade para tanto.

Os véus que nos encobrem a visão de Deus não estão sobre a face divina mas em nós mesmos e chamam-se ignorância, orgulho, materialismo.

Mas desde já, exercitando a inteligência e a sensibilidade para acima e além da matéria, poderemos perceber Deus na vida universal, no micro e no macrocosmo. E quanto mais desenvolvermos e apurarmos nossas faculdades espirituais, mais veremos a Deus e o sentiremos.

Em nós, em tudo e em todos.

BUSCA

Sérgio Lourenço

“Na atualidade do mundo, o Espiritismo é aquele Consolador prometido, enfeitando nova e bendita oportunidade de redenção. Em seu campo doutrinário, a verdade de Deus não está algemada, seus felizes estudantes e seguidores podem aquecer o coração ao sol da liberdade íntima, sem obstáculos, na marcha da consciência para a realização divina.”

Emmanuel

Vive a criatura humana, neste mundo de lutas, em constante busca de alguma coisa.

Busca o amor...

Busca a saúde...

Busca o equilíbrio mental...

Busca a felicidade...

Busca a alegria...

Busca a perfeição...

Busca o conhecimento...

Busca o poder...

Busca a paz...

No entanto, como se busca mais no sentido pessoal do que no coletivo, nem sempre o que se busca representa **à tranquilidade que se espera. Só há uma coisa que quando se busca é que se chega ao denominador comum: Deus.**

E quando Ele é procurado, facilmente se encontra e af, todas as outras buscas estarão naturalmente superadas, por atendidas.

E por muito tempo esteve Deus, por conveniência dos homens, encerrado nos templos, e como consequência, acessível apenas a seus poucos iniciados. Chegou-se até, a ignorar Deus fora dos templos... Até a salvação da alma era comprada (era?). As indulgências dizem bem.

No entanto, por mercê do Criador, seu Dileto Filho, veio oferecer-nos o Consolador Prometido, hoje consubstanciado na Doutrina Espírita. E eia nos mostra tudo o que Ele representa, descerrando o véu da ignorância que alicerçou a quase estagnação do homem.

Mas, por triste engano, continua a criatura humana na incessante busca das frações quando pode, facilmente, encontrar o número inteiro. Tendo esse número, divide-se em quantas vezes quiser. Ele vê nossos atos. Soma nossas ações. Analisa nossa conduta. Fiscaliza nossos passos. Não entendemos isso. Não queremos entender a Verdade. Não queremos enfrentar a realidade, por mais cristalina que seja.

Continuamos preocupados em sentir e encontrar Deus, apenas nos Templos Religiosos. Inclusive muitos espíritas. Fora do Templo, continuamos a ignorá-lo, ignorando seus filhos: Os Homens.

E na busca do objetivo tripudia-se sobre os mais fracos e infelizes.

O Espiritismo ressaltando o Pai Altíssimo, oferece o consolo para todas as dores e frustrações. Oferece tudo ao homem, porque lhe dá gostosamente a sublimação.

DE QUE ESPÍRITO SOMOS?

(Lucas 9: 51 a 56)

Richard Simonetti

Passando pela Samaria, a caminho de Jerusalém, Jesus enviou os discípulos até uma aldeia, à procura de hospedagem por uma noite. A resposta foi negativa. Ninguém estava disposto a abrigar galileus. Tiago e João, os dois discípulos mais novos e impetuosos, irritaram-se profundamente e sugeriram:

“Senhor, vamos mandar descer o fogo do Céu para os consumir?”

Insólita proposição. Convivendo com as lições do Evangelho há quase três anos, ouvindo reiteradas exortações à compreensão e à tolerância diante das agressões humanas, demonstravam que quase nada haviam assimilado. Fitando-os compassivamente, Jesus adverte:

“Vós mesmos não sabeis de que Espírito sois.”

Os dois irmãos, filhos de Zebedeu, ficariam conhecidos como Boanerges (filhos do trovão), em virtude de seu caráter impetuoso, sempre dispostos às soluções drásticas para os problemas do grupo.

Com o raciocínio simplista que norteia religiosos sem discernimento, sentiam-se participantes de um grupo que representava a vontade de Deus, detentores da Verdade e das prerrogativas de sua condição. Parecia-lhes, por isso, inconcebível aquela recusa, como se os samaritanos estivessem obrigados a pensar com suas cabeças, submetendo-se à sua vontade.

O absolutismo religioso, a pretensão de que Deus tenha representantes exclusivos na Terra, intérpretes infalíveis de Seus desígnios, a par das tendências humanas

à agressividade e à intolerância, têm feito correr rios de sangue nas páginas da História, onde vemos com frequência “prepostos divinos” empunhando a espada para combater os inovadores.

Milhares de pessoas foram sacrificadas no circo romano por cultivarem os

princípios cristãos. Em contrapartida, após o século terceiro, quando Constantino transformou o Cristianismo em religião oficial do Império Romano, multidões foram eliminadas pelo “crime” de contrariar concepções teológicas dogmáticas e infantis. A Inquisição, responsável pela morte de mais de cinquenta mil pessoas, é um triste exemplo dessa intolerância.

Logo após a Segunda Guerra Mundial, quando a Inglaterra deixou a Índia, após um domínio de séculos, eram tão amplas e inconciliáveis as divergências religiosas entre adeptos do Islã e do Hinduísmo, que se houve por bem dividir o país, com a criação do Paquistão, onde ficariam os muçulmanos. Até que se completasse o re-manejamento da população houve tantas lutas, tantas violências, tantas vinganças, que perto de três milhões de pessoas pereceram.

Na atualidade temos o lamentável confronto entre católicos e protestantes na Irlanda, de tal forma complexo e intransigente, entranhado em interesses políticos e sociais, que não se pode prever quando terminará. Enquanto isso sucedem-se atentados e mortes.

Tudo seria bem diferente se os homens observassem a advertência de Jesus aos irmãos Boanerges:

“Vós mesmos não sabeis de que Espírito sois.”

Antes de entrarmos em disputa com aqueles que não comungam com nossas concepções religiosas é preciso saber quem orienta nossas vidas. Se nos inspiramos em Deus é inconcebível agredir, ainda que com palavras, nossos oponentes, já que eles também são filhos Dele.

A Deus não importa se somos católicos, protestantes, espíritas, budistas, maometanos ou ateus. Espera tão-somente que nos comportemos como Seus filhos, respeitando-nos uns aos outros se não podemos nos amar, compreendendo-nos se não podemos comungar dos mesmos princípios.

Quando os homens assim fizerem seremos todos de Deus e viveremos em paz na Terra, ainda que múltiplas sejam as concepções religiosas existentes.

COMO ACABAR COM O MEDO DE MORRER?

Therezinha Oliveira

Lutar contra a morte! Sobreviver! determina em nós o instinto de conservação, com que

Deus dotou todos os seres.

Não fosse essa medida providencial, talvez abandonássemos a vida antes do tempo certo, deixando, assim, de realizar o trabalho que o Criador designou viéssemos fazer neste mundo.

Natural, pois, nossa instintiva e providencial resistência contra a destruição corpórea. Mas não oue nos aterrorizemos ante a morte, como costumamos fazer.

De onde nos vem esse exagerado temor? Do pouco que geralmente se sabe sobre o que a morte é e ao que nos pode conduzir. Nada mais apavorante que o desconhecido!

As religiões tentam falar-nos de uma vida futura. As idéias vagas e imprecisas que nos dão em nada colaboram para perdermos o medo da morte. O aqui e o agora continuam a nos parecer os únicos reais, enquanto o Além seria uma lenda, credence, ilusão.

E o “lado de lá” que idealizam? Mais nos amedronta e dá vontade de não sair nunca do “lado de cá”, porque, na maioria, acabaríamos separados total e definitivamente dos bons e condenados a conviver exclusivamente entre os “não-bons”, como nós... E isso pelos séculos dos séculos, sem qualquer possibilidade mais de redenção. Perspectiva aterrorizante! Não admira nos apeguemos ainda mais à existência terrena onde, apesar de imperfeitos, convivemos entre bons e maus, temos amigos e, ao lado

do mal, o bem fulge sempre, suavizando e embelezando a vida!

O Espiritismo, porém, nos favorece com tal conhecimento sobre vida e morte que continuamos a dar à vida terrena o devido valor mas já não sentimos mais aquele medo horrível de morrer.

A mediunidade — ponte divina ligando Terra e Céu — permite que, sentindo-nos bem seguros, ainda, ao “la do de cá”, penetremos no “lado de lá” e que os Espíritos, bons e maus, se nos apresentem e conosco convivam.

Nesse intercâmbio natural e providencial, que constatamos?

Morrer é apenas desligar-se o Espírito do corpo que formou e utilizou para sua manifestação no mundo terreno e que não mais lhe apresenta condições vitais para isso. Morrer não é acabar, é tão-somente desencarnar, deixar o corpo de carne.

Desligando-se do corpo, o Espírito — que já existia antes dele ser formado — prossegue vivendo. E a morte não o transforma em fantasma ou estranha alma de-outro--mundo.

Continua sendo gente, criatura humana. Feliz, se é bom e está preparado para a vida no plano espiritual. Sofredor ou rebelde, se é mau e despreparado para a Vida Maior.

Mas ninguém fica condenado para sempre. Como aqui na Terra, também no mundo espiritual todos podem, no instante em que se conscientizam de sua condição e necessidade, recomeçar seu esforço evolutivo, sua caminhada para Deus. A reencarnação é um dos meios da continuidade evolutiva.

Bons e maus não estão de todo e eternamente apartados no Além, pois a lei divina é de geral solidariedade e, no Universo inteiro, cabe ao forte sustentar o fraco, ao sábio esclarecer o ignorante, ao bom ajudar o mau, para que todos os filhos de Deus alcancem a perfeição e a felicidade, ao longo da vida imortal.

Os que se amam, embora a aparente separação pela morte, continuam ligados pelos invisíveis laços do sentimento e do pensamento e se visitam, mutuamente, quando as leis divinas o permitem e ensejam, aguardando a reunião ditosa, quando prosseguirão juntos nos labores do seu progresso.

Feliz quem observa e estuda a vida sob o enfoque espírita, além dos sentidos comuns!

Não exagera a natural resistência à desencarnação, substitui o temor — inútil e improdutivo — pelo esforço consciente no bem, a fim de assegurar a si mesmo uma continuidade evolutiva segura e feliz, além do túmulo.

Respeita os que já desencarnaram, entendendo que fazem jus ao prosseguimento de suas experiências evolutivas no mundo espiritual.

Solicita a inspiração, conforto e amparo que Deus permitir venham nos trazer os Espíritos benévolos mas não pretende que os desencarnados se tornem seus ser-viceiros para a solução dos problemas pessoais e terrenos, que são a lição dos que, pela reencarnação, se encontram matriculados na escola Terra.

Aos entes queridos que o antecederam na grande jornada, envia suas vibrações de amor, pensamentos de fé e a esperança no reencontro futuro, honrando-lhes a memória de atos bons, dignos e caridosos como eles desejariam praticar.

Socorre com preces e esclarecimentos fraternos aos que, não tendo sabido aqui viver, enfrentam além o próprio desequilíbrio e precisam se reajustar às leis divinas na seqüência do existir.

Sente que a vida estua infinitamente em todos os planos da Criação, compreende que o

evolver incessante exige transformação para levar-nos ao mais e ao melhor.

Por tudo isso, nada mais teme, louvando a Deus sempre. Até mesmo ante a morte, vencida enfim pela luz do conhecimento espiritual.

— oOo—

Bibliografia do assunto nas obras de Allan Kardec:

— A vida e a morte (“O Livro dos Espíritos” — Cap. IV, 1.a Parte, 68-70).

— Como o espírito encarna e desencarna (“A Gênese” — Cap. XI, itens 18-19).

— Causas do temor da morte e porque os espíritas não a temem (“O Céu e o Inferno” — Cap. II da 1.a Parte).

— Como se dá o passamento (“O Céu e o Inferno” — Cap. I da 2.a Parte).

— Recordação da existência corpórea — Comemoração dos mortos. Funerais (“O Livro dos Espíritos” — Cap. VI, 2.a Parte, 303-329).

ESPIRITISMO E SEU TRÍPLICE ASPECTO

Sérgio Lourenço

“Em Espiritismo, a Ciência indaga, a Filosofia conclui e o Evangelho ihimina. Com a primeira, há movimento de opiniões, com a segunda, temos a variedade de pontos de vista na matéria interpretativa e com o terceiro encontramos a renovação da alma para a eternidade. A Ciência e a Filosofia são os meios, o Evangelho é o fim.”

Emmanuel

Veza ou outra surgem, no meio espírita, grupos ou companheiros que resolvem atacar alguém ou algum aspecto da Doutrina. Atitudes assim levam sempre o leitor à confusão e, quando não, a uma certa perplexidade em virtude dos argumentos aparentemente irrefutáveis que usam os novos exegetas.

No comportamento normal de combate interno, normalmente as vítimas escolhidas têm sido a mediunidade e o médium. Sempre se procura alguma falha na faculdade mediúnica ou nos obreiros da mediunidade.

Quando não, por questão pequena de interpretação de algum ângulo doutrinário, surgem polêmicas homéricas que atingem, às vezes, a retaliação pessoal, com expressões, embora bem colocadas e cuidadas, ofensivas e chocantes. Tudo isso por Órgãos Espíritas e de divulgação quase que exclusiva entre os espíritas.

Agora temos notado, em alguns Órgãos Espíritas, uma série de artigos, com manifestações de vários e valorosos articulistas, exaltando o caráter religioso do Espiritismo. Isso nos faz crer que alguma incursão estão fazendo contra este aspecto, parte integrante do tripé susten-tador da Doutrina: Filosofia, Ciência e Religião.

Caso esse novo avanço, tentando descaracterizar o Espiritismo, realmente esteja em curso, é mais uma momice das trevas, pois, a religião espírita não é e nem deve ser confundida com o que até antes do Espiritismo se tratou. A religião espírita deve e precisa ser entendida em seu conceito eminentemente técnico, vale dizer, o ato que liga a Criatura ao Criador. Este laço é a Religião. Confundí-lo com os processos religiosos tradicionais é ignorância ou má-fé.

Quando o espírita, em oração, se Jiga a Deus, evidentemente, está ligando a Criatura ao Criador e, aí, temos o fato religioso. Do latim “religare”. Jesus ensinou aos seus discípulos como orar, deixando um modelo de prece. Allan Kardec. legounos um livro de preces. Nada mais...

— É o Espiritismo uma filosofia? É o Espiritismo uma Ciência? É o Espiritismo uma Religião?

— Sim.

Não se argumente que a terminologia — religião — está vinculada a determinados erros e cerimônias exóticas, pois, o Espiritismo não tem nada com isso.

Se as religiões escolheram o esdrúxulo caminho dos rituais para o seu exercício, nem por isso se tornaram proprietárias da terminologia, e mais, o importante, realmente, é que este é um problema delas e não da religião em si. Existem tantos Josés marginais, ateus, bandidos, mas nem por isso os Josés decentes, precisam trocar de nome, ou mesmo, abolir esse nome de sua identidade. O mesmo acontece com as Marias.

Assim, ser espírita, conforme Kardec, é firmar-se na filosofia, na ciência e na religião, esta muito importante e necessária hoje em dia.

Portanto, nada mais nobre ao espírita que confessar sua religião, pois assim, dá seu testemunho ao Senhor.

No mais, é tudo prosopopéia...

A CONDIÇÃO ESSENCIAL

Richard Simonetti

Segundo alguns exegetas, Salomé, esposa de Zebe-deu e mãe dos apóstolos Tiago e João, era irmã de Maria, a mãe de Jesus. Encantada com a mensagem cristã, ela empolgava-se com o Reino Divino que seu sobrinho viera instituir e pensava no futuro dos filhos. Como os demais discípulos, não tinha idéia muito precisa sobre a missão do Enviado Celeste.

Imbuídos do espírito da raça, das tradições dos profetas, que proclamavam há séculos a vinda do mensageiro de Deus, que libertaria Israel do jugo romano e a elevaria à sua gloriosa destinação, todos julgavam o advento do Reino como uma conquista material. Embora suas lições e exemplos desautorizassem o cultivo de ambições, elas estavam presentes nos corações. A criatura humana, frágil como é, tende a deturpar os ideais mais sagrados, atrelando-os aos seus interesses imediatistas.

Salomé não constituía exceção. Como toda mãe, desejava o melhor para seus filhos. Naquela conjuntura seria uma situação de destaque na comunidade apostólica. Eram inteligentes, jovens, fortes... Tanto alimentou esse sonho que um dia não se conteve. Procurou o Senhor e, diante dos discípulos, disse-lhe:

— Mestre, tenho algo a pedir-te.

— Que queres?

Agora temos notado, em alguns Órgãos Espíritas, uma série de artigos, com manifestações de vários e valorosos articulistas, exaltando o caráter religioso do Espiritismo. Isso nos faz crer que alguma incursão estão fazendo contra este aspecto, parte integrante do tripé susten-tador da Doutrina: Filosofia, Ciência e Religião.

Caso esse novo avanço, tentando descaracterizar o Espiritismo, realmente esteja em curso, é mais uma momice das trevas, pois, a religião espírita não é e nem deve ser confundida com o que até antes do Espiritismo se tratou. A religião espírita deve e precisa ser entendida em seu conceito eminentemente técnico, vale dizer, o ato

que liga a Criatura ao Criador. Este laço é a Religião. Confundi-lo com os processos religiosos tradicionais é ignorância ou má-fé.

Quando o espírita, em oração, se liga a Deus, evidentemente, está ligando a Criatura ao Criador e, aí, temos o fato religioso. Do latim “religare”. Jesus ensinou aos seus discípulos como orar, deixando um modelo de prece. Allan Kardec. legou-nos um livro de preces. Nada mais...

— É o Espiritismo uma filosofia? É o Espiritismo uma Ciência? É o Espiritismo uma Religião?

— Sim.

Não se argumente que a terminologia — religião — está vinculada a determinados erros e cerimônias exóticas, pois, o Espiritismo não tem nada com isso.

Se as religiões escolheram o esdrúxulo caminho dos rituais para o seu exercício, nem por isso se tornaram proprietárias da terminologia, e mais, o importante, realmente, é que este é um problema delas e não da religião em si. Existem tantos Josés marginais, ateus, bandidos, mas nem por isso os Josés decentes, precisam trocar de nome, ou mesmo, abolir esse nome de sua identidade. O mesmo acontece com as Marias.

Assim, ser espírita, conforme Kardec, é firmar-se na filosofia, na ciência e na religião, esta muito importante e necessária hoje em dia.

Portanto, nada mais nobre ao espírita que confessar sua religião, pois assim, dá seu testemunho ao Senhor.

No mais, é tudo prosopopéia...

A CONDIÇÃO ESSENCIAL

Richard Simonetti

Segundo alguns exegetas, Salomé, esposa de Zebe-deu e mãe dos apóstolos Tiago e João, era irmã de Maria, a mãe de Jesus. Encantada com a mensagem cristã, ela empolgava-se com o Reino Divino que seu sobrinho viera instituir e pensava no futuro dos filhos. Como os demais discípulos, não tinha idéia muito precisa sobre a missão do Enviado Celeste.

Imbuídos do espírito da raça, das tradições dos profetas, que proclamavam há séculos a vinda do mensageiro de Deus, que libertaria Israel do jugo romano e a elevaria à sua gloriosa destinação, todos julgavam o advento do Reino como uma conquista material. Embora suas lições e exemplos desautorizassem o cultivo de ambições, elas estavam presentes nos corações. A criatura humana, frágil como é, tende a deturpar os ideais mais sagrados, atrelando-os aos seus interesses imediatistas.

Salomé não constituía exceção. Como toda mãe, desejava o melhor para seus filhos. Naquela conjuntura seria uma situação de destaque na comunidade apostólica. Eram inteligentes, jovens, fortes... Tanto alimentou esse sonho que um dia não se conteve. Procurou o Senhor e, diante dos discípulos, disse-lhe:

— Mestre, tenho algo a pedir-te.

— Que queres?

— Quero que meus dois filhos sentem-se um à tua direita, outro à tua esquerda, em Teu Reino.

— Não sabes o que estás pedindo — responde, mansamente, o Messias. E, dirigindo-se aos dois irmãos: — Podeis beber do cálice que beberei?

— Podemos.

— Sem dúvida, bebereis meu cálice. Mas sentar à minha direita ou esquerda, não me compete concedê-lo e, sim, a Meu Pai.

João e Tiago efetivamente passariam por perseguições e sofrimentos semelhantes aos que estavam reservados a Jesus, mas sua posição futura seria assunto entre eles e o Criador. Isto significa que espiritualmente o valor do aprendiz do Evangelho não está na posição que ocupa. Vale muito mais seu empenho por realizar em si mesmo as lições a que se consagra. Pessoas assim, ainda que transitem anonimamente na Terra, terão destaque no Céu.

Numa inesquecível palestra que ouvimos em Bauru, há muitos anos, Malba Taham reportou-se ao assunto ao relatar a história de um rabi muito ativo, inteligente, palavra fácil, brilhante intérprete dos textos sagrados que, certa vez, em sonho, sentiu-se transportado ao Plano Espiritual e lá constatou que sua situação era inferior à de um moço, frequentador não muito assíduo da sinagoga. Sentiu-se intrigado ao despertar.

“Eu, homem de destaque na comunidade, arauto da Lei, orientador espiritual do povo, abaixo desse moço, figura inexpressiva que sequer participa das atividades religiosas!. .. ”

Decidido a decifrar o enigma, procurou o rapaz e ficou sabendo que o jovem quase não saía de seu lar porque tinha pais idosos e doentes. Possuído de piedade filial dedicava suas horas livres ao propósito de cuidar dos velhinhos, o que fazia com muito carinho. Cantava e lia para eles. Dava-lhes de comer, atendia-os em suas enxaquecas ...

O rabi não se furtou à conclusão óbvia: os que praticam as excelências da Religião seguem adiante dos que simplesmente as divulgam.

Segundo o relato evangélico, os discípulos indignaram-se com a pretensão de Salomé e seus filhos. Provavelmente cada um deles julgava-se com mais direito à honraria. O ambiente turvou-se. Acusações foram trocadas, iniciou-se áspera discussão diante do próprio Cristo, que tudo observou durante algum tempo. Depois, pedindo silêncio, falou, incisivo:

— Sabeis que reis e governos dominam sobre seus vassalos e impõem sua vontade. Assim, entretanto, não deve ser entre vós. Quem quiser ser grande, seja aquele que serve; quem quiser ser o primeiro seja o servo de todos, assim como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos.

Jesus é profundamente claro a respeito do problema quando demonstra que o verdadeiro discípulo é aquele que serve. As discussões, as disputas, os ressentimentos e rancores ficam bem nos que procuram as primeiras posições no Mundo, tendo na satisfação do orgulho e da vaidade a sua recompensa.

O seguidor verdadeiro do Evangelho apenas serve e nesse empenho encontra sua glória, sua alegria, seu destino, como exprime admiravelmente Gabriela Mistral em seu famoso poema, “O Prazer de Servir”:

“Toda a natureza é um anelo de serviço. Serve a nuvem, serve o vento, serve o sulco. Onde houver uma árvore para plantar, planta-a tu; onde houver um erro para corrigir, corrige-o tu; onde houver uma tarefa que todos recusam, aceita-a tu.

"Sê quem tire a pedra do caminho, o ódio dos corações e as dificuldades dos problemas. Há a alegria de ser sincero e de ser justo; há, porém, mais que isso, a formosa, a imensa alegria de servir.

“Como seria triste o Mundo se tudo já estivesse feito, se não houvesse uma roseira para plantar, uma iniciativa para tomar!

“Não te seduzam as obras fáceis. É belo fazer tudo que os outros se recusam executar. Não cometas, porém, o erro de pensar que só tem merecimento fazer as grandes obras; há pequenos préstimos que são bons serviços: enfeitar uma mesa, arrumar uns livros, pentear uma criança.

“Aquele é quem critica, este é quem destrói, sê tu quem serve. O servir não é próprio de seres inferiores. Deus, que nos dá o fruto e a luz, serve. Poderia chamar-se “O Servidor”. Tem Seus olhos fixos em nossas mãos e nos pergunta todos os dias: “Serviste hoje?... a quem? à árvore? ao teu amigo? à tua mãe?...”

ATÉ AS CRIANÇAS SABEM

Therezinha Oliveira

“Da boca dos pequeninos tiraste o perfeito louvor”.

(Mateus, 21-16)

A Seção “Bazar”, de Jolumá Britto, no Diário do Povo de Campinas, publicou, certa vez, entre outros assuntos:

“Aquela garotinha explicava ao pai porque tinha certeza de que o animal estava mesmo morto e dizia: “O gato saiu do gato, pai, e só ficou o corpo do gato”.

A pequena nota, é claro, foi ventilada com laivos de humorismo. Entretanto, dela transparece uma verdade: a de que até as crianças, observando um ser quando vivo e depois de morto, concluem racionalmente pelo afastamento do princípio animador e permanência da organização física.

“O gato saiu do gato”, murmura a língua infantil, na limitação de suas expressões, mas a imagem é correta: o ser abandonou a forma transitória com que se expressava entre nós. E foi o ser quem agiu, quem “deixou” o corpo. A mente infantil não se engana ao atribuir vontade e ação ao princípio imaterial, embora o desligamento do espírito se dê porque o corpo morto não mais lhe enseja atuar através dele neste mundo.

“E só ficou o corpo do gato” A sentença traduz pleno conhecimento da importância secundária da matéria, instrumento passivo, que sem o concurso do elemento

espiritual perde maior interesse.

A garotinha, por certo, não mais terá para com o corpo inerte do animal as festas, os carinhos e as atenções que dispensava ao gatinho vivo. Mas lembrará, sem dúvida, o companheiro que encheu de alegria as horas da sua infância. Com ele sonhará talvez ou, quem sabe, voltará a percebê-lo, com os olhos do espírito, deitado na almofada predileta ou convidando-a à continuação do brinquedo interrompido.

E se ela contar que viu de novo o gatinho morto, ágil e esperto como nunca?

Então, a gente grande — que não soube sequer avaliar o fenômeno do desligamento entre princípio espiritual e matéria; a gente grande, de olhos afeitos ao transitório, que continuará se desesperando ante a morte; a gente grande, que criou para si complexos raciocínios e não pode acompanhar a criança na simplicidade que a faz encontrar a verdade dos fatos — a gente grande sorrirá complacente, em tom superior, explicando;

— Imaginação de criança!

Não obstante, a verdade da existência e sobrevivência da alma nos seres vivos continuará brilhando na afirmativa tranqüila de uma boca de criança.

— O gato saiu do gato, pai, e só ficou o corpo do gato.

Sérgio Lourenço

“As diversas terapêuticas objetivam invariavelmente o reequilíbrio do corpo e da mente. A terapêutica espírita, no entanto, impõe a reforma interior.”

ALÍVIO E DORES

Marco Prisco

Sem dúvida a constante preocupação do homem é a busca incessante que realiza para alcançar a cura ou, pelo menos, alívio de suas dores. E convém lembrado sempre que, no atual estágio da humanidade, as dores, tanto físicas quanto morais, atingiram proporções alarmantes.

Fisicamente o homem vive quase que só a intoxicar-se pelos mais variados meios, ocasionados pela indisciplina de ingestão de alimentos, bebidas, medicamentos e drogas.

Moralmente, pelos desvios psíquicos do orgulho, do egoísmo, da vaidade, do sexo e outros tristes comportamentos, levando-o ao desequilíbrio por viver, mais uma fantasia do que a realidade da vida.

Em desespero, o recurso imediato, quando os meios científicos da terra não oferecem mais solução, é a procura de um Centro Espírita. Lá depositam toda esperança num possível “milagre” que pensam, possam os Espíritos realizar. O que, para o homem pouco ou nada importa, é o entendimento da própria situação e da causa desse sofrimento.

Quer o alívio... Por mais prestativo que seja o gru-go de espíritas, não dispõe ele de meios e recursos para curar aquele que não deseja, seriamente, curar-se. De nada vale o paliativo em termos de conscientização passageira. Saiu do Centro Espírita, retornou aos desregra-mentos anteriores, voltam as dores e os problemas. E como o homem é, em elevada maioria, sujeito a descrer, tem, naturalmente, propensão para desacreditar do Espiritismo por se ver frustrado em seu intento.

É importante que se cuide, primeiro, da orientação fraterna e amorosa a todos aqueles que, aflitos, procuram o berço bendito do Espiritismo para alívio ou consolação de suas dores. Essa orientação deve e precisa ser sempre fundamentada na reforma interior, onde, o paciente, precisa ficar convencido da necessidade fundamental de que, aliando-se ao Evangelho, estará livre das tentações e dos desvios. O Apóstolo Paulo foi o máximo exemplo da conversão sincera. Foi absoluto em sua mudança e decisão. Esse o exemplo.

Atente-se sempre que, para o Divino Pastor, conta a cura interna e não a externa e, para tanto, dotou a humanidade do remédio eficaz e correto que é a Doutrina Espírita.

Através do conhecimento e prática do conceito espírita, a vida brilha com mais fulgor, embora as dores e aflições que se carrega. É a consciência do dever e da Vida Eterna.

ENCONTRO MARCADO

(Lucas, 19: 1 a 10)

Richard Simonetti

Aquele publicano não era um simples cobrador de impostos, mas o chefe deles, em toda a região de Jerico, movimentando largas somas de dinheiro, o que fazia com extrema habilidade, aumentando sempre seus patrimônios.

Contudo, como costuma acontecer com os que se dedicam às riquezas efêmeras do Mundo, trazia dentro de si permanente inquietação. Quando o dinheiro deixa de ser parte da vida para converter-se em finalidade dela, tudo se complica. O ouro acumulado era enorme peso em seu coração e, pior — pesava-lhe também na consciência. Nem sempre agira com absoluta lisura no trato com os contribuintes e não raras vezes explorara devedores em atraso que, em desespero de causa, vendiam-lhe seus bens a preços irrisórios.

Além do mais, angustiava-o o desprezo que seus irmãos de raça devotavam aos publicanos, tomados à conta de traidores que colaboravam com os romanos na arrecadação do odioso tributo que fazia a riqueza de Roma.

Havia momentos em que tinha o impulso de deixar a incômoda profissão, desfazer-se de seus negócios, largar tudo e iniciar uma vida nova. Faltava-lhe coragem... Talvez não fosse bem isso, mas um princípio, um ideal, em que se pudesse apoiar. Guardava a impressão de que sua existência fora colocada em compasso de espera. Secreta e indefinível voz dizia-lhe que algo estava para acontecer, mais cedo ou mais tarde, oferecendo-lhe novos rumos.

Ultimamente animara-se ao receber informações sobre um galileu chamado Jesus, dotado de prodigiosos poderes — curava leprosos, levantava paráliticos, acalmava tempestades, multiplicava pães. Sua palavra vibrante — diziam — era a própria voz do Céu, acalmando inquietações e convocando os homens de boa vontade para a construção do Reino de Deus. Chamava a todos irmãos, pois, segundo ele, Deus era o Pai de todos — um Pai de infinito Amor e misericórdia, que trabalha incessantemente pelo bem de seus filhos, sem preferências e sem preconceitos .

O rico chefe dos publicanos ouvia maravilhado aquelas notícias. Como acontece com todas as pessoas amadurecidas para o Cristo, a simples menção de seu nome e a descrição de seus ensinamentos e exemplos o sensibilizavam profundamente. Emocionara-se até as lágrimas ouvindo a parábola do filho pródigo contada por alguém que estivera com Jesus. Ansiava encontrar-se com Ele! Beber-lhe os ensinamentos, receber sua bênção!

Finalmente chegou esse dia. O profeta galileu estava de passagem por Jericó. A cidade alvoroçara-se. A multidão comprimia-se na rua principal... Gente curiosa, gente necessitada, gente doente... Todos queriam ver Jesus e receber benefícios de suas mãos milagrosas.

O cobrador de impostos pensou em enviar um servo ao encontro de Jesus, convidando-o à sua casa. Não se atreveu. Não se sentia digno nem sabia como seria recebido o convite. Os profetas eram homens austeros... Provavelmente ele não entraria na casa de um publicano. Seria até um escândalo perante seus seguidores. Esperaria pelo final das

manifestações populares. Depois iria ao seu encontro, rogando-lhe que o recebesse.

Nada, porém, o impedia de juntar-se ao povo para observar sua passagem. Irresistível força o impulsionava. Deixou a ampla residência e dirigiu-se à rua central, aco-modando-se junto à multidão. Já se ouviam as saudações ao profeta:

— Hosanas ao filho de David! Salve o mensageiro divino!

De baixa estatura, ele nada enxergava. Mas, resolu-

to, aproximou-se de um sicômoro — árvore semelhante à figueira. Rapidamente ganhou seus primeiros galhos,-colocando-se na condição de privilegiado observador.

Com indizível emoção observou o Profeta, que se aproximava. Não teria mais de trinta anos, expressão suave, sorriso fraterno, simpatia irradiante. Contemplando aquela figura impressionante e inesquecível, não teve. dúvida. Aquele homem possuía o remédio para suas angústias. E qual não foi sua surpresa quando Jesus, ao passar junto ao sicômoro, dirigiu-lhe familiarmente a palavra, dizendo:

— Zaqueu, desce depressa, porque hoje devo hospedar-me em tua casa!

Lágrimas incontidas afloraram-lhe aos olhos. Trêmulo, coração aos saltos, desceu da árvore e aproximou-se do Messias. Compreendia agora que o encontro não fora ocasional — desde muito estava marcado. O Profeta já o conhecia. Sabia de suas angústias, tinha algo para lhe dar. Estava pronto a segui-lo! As almas preparadas para o Cristo não precisam de muitas palavras. Ao chamado do Senhor, empenham suas vidas incondicionalmente...

Por isso, tão logo chegaram à sua residência, sempre acompanhados pela multidão, Zaqueu dirigiu-se a Jesus e, à semelhança do discípulo novo que se confessa publicamente, apresentando sua profissão de fé com a segurança de quem encontrou a si mesmo e a coragem de quem reformula a existência, falou bem alto, para que todos o ouvissem:

— Senhor, hoje começa uma vida nova para mim. Darei metade de meus bens aos pobres. E se algum prejuízo causei a alguém, compensá-lo-ei quatro vezes.

O povo murmurava. Muitos escandaliizavam-se com a presença do profeta em casa do publicano traidor. Mas Jesus, conhecendo bem de perto as reações da multidão, abraçou-o e disse-lhe:

— Zaqueu, hoje entrou a salvação nesta casa. Você também é filho de Deus!

E bem alto, dirigindo-se à multidão:

— Saibam todos que esta é a missão do filho do Homem: Salvar os que estavam perdidos.

O RISO DA INCOMPREENSÃO

Therezinha Oliveira

Na tela, as imagens iniciais do filme em cores mantinham atentos os assistentes. Em suntuoso palácio, estava para nascer o príncipe Sidharta a quem o mundo respeitaria, no futuro, como Buda, o iluminado.

Produção indu, o filme transudava a filosofia espiritualista daquele povo milenar. Acostumada geralmente aos filmes norte-americanos e uns poucos nacionais, italianos, alemães e franceses, a platéia brasileira assistia, curiosa.

A câmara focalizou um dos pátios internos do palácio. Ao centro dele, formoso jardim. Sob as arcadas, ser-viçais em azáfama, expressando-se, mutuamente, as alegrias da expectativa pelo nascimento iminente.

Súbito, o suspense se fez. Extáticos, paralisados, os servos olhavam com encantamento a névoa luminosa e colorida que surgira ao centro do jardim, por sobre as flores. Rapidamente, a névoa assumia contornos humanos, até que um homem adulto nela se revelou, em plena maturidade, a figura toda irradiando beleza e espiritualidade.

Ante ele, todos se curvaram, reverentes. Ao mesmo tempo, do interior do palácio vinha o anúncio feliz: Nasceu! É um menino! Nosso príncipe!

Ao perceber que a figura adulta no meio do jardim era o príncipe anunciado, que num dos aposentos interiores do palácio acabara de nascer, a platéia desatou a rir, numa incontida reação coletiva ante algo que lhe era totalmente inusitado e inesperado. Um recém-nascido apresentado como um homem adulto! Para um público latino, não acostumado à idéia da preexistência da alma, aquela colocação do cineasta indu raiava pelo absurdo. E o povo não soube senão gargalhar.

Contudo, a verdade é que o espírito pré-existe ao corpo físico e, no plano espiritual em que vive, dispõe de um corpo fluídico, o perispírito. Perfeitamente adequado à manifestação do ser no mundo transcendente, o corpo fluídico é essencialmente plasmável e retrata o estado e ação do espírito na Vida Maior. Aquele que na Terra viria a ser Buda,

o iluminado, era já muito elevado e respeitado espiritualmente. O corpo que ele principiava a animar neste mundo é que era pequeno e frágil. Sob a ação do seu espírito reencarnante e ao império das leis naturais, o corpo iria se desenvolver ao longo dos anos e nos padrões comuns, passando da infância à adolescência, juventude, maturidade e velhice, até que, em linguagem simbólica, retornasse ao pó de onde viera, enquanto o espírito seguiria além, levando consigo a essência de seus atos e vivências.

Despreparado para o conhecimento da realidade da vida espiritual, o povo brasileiro naquela ocasião riu e gargalhou com vontade. Quantos deles, porém, já terão deixado o corpo pelo natural fenômeno da desencarnação? Esses, do lado de lá, sentindo-se perfeitamente gente em seu corpo fluídico, não obstante não mais contarem com o corpo de carne, agora compreendem, agora sabem que o espírito — princípio inteligente que anima a matéria em todo o Universo — não só pré-existe ao corpo, como o transcende mesmo durante a vida física e a ele sobrevive, podendo, se necessário, voltar à Terra para formar um novo organismo, pelo processo divino da reencarnação.

DAR - DE - DEDO

Sérgio Lourenço

“A verdade é como jóia que, no peito, nos cabelos e nas mãos, enfeita, mas, atirada ao rosto, fere.”

“Não uses a verdade apenas para exibir a tua superioridade ou pelo simples prazer de ferir.”

Emmanuel

Dar-de-dedo é uma expressão popular. Costuma-se empregá-la quando alguém, mais exaltado ao expor suas idéias, no calor da discussão, pretende, sem vigilância, advertir ou admoestar o seu interlocutor. É o mesmo que se chamar asperamente, a atenção de alguém por algum fato, procedimento ou mesmo quando divergente de alguma tese que se discute. Isso acontece comumente com aquele que, não muito preparado espiritualmente, jacta-se de ter o pavio curto...

Para as pessoas cujo pavio está muito perto da bomba, ou, que costumam dar-de-dedo em seu semelhante, convém lembrar, sempre, que a Verdade é um conceito íntimo e que ninguém é dono dela. Jesus, quando inquirido sobre o que era a Verdade, calou-se, numa demonstração de que defini-la, seria impróprio e sem proveito.

No entanto, embora todas essas advertências que recebemos, tanto das experiências da

vida, quanto dos Iluminados Espíritos do Senhor, ainda ficam muitas pessoas proprietárias da verdade por inteiro e prontos, se necessário, a dar-de-dedo para impô-la a quem ousa discordar de seus ponto-de-vistas.

Isso é lamentável no geral. Muito pior é no particular. E, no particular, para nós, é o arraial espiritista. E isso tem sido observado em nosso meio até com certa frequência, principalmente por aqueles que, um pouco mais dotados de cultura, lideram grupos de aprendizes. Também, por aqueles que, veteraníssimos no Espiritismo, fazem, desse tempo, o direito absoluto da verdade.

É bom, sempre, uma auto-análise de comportamento e de convivência. É bom, periodicamente, parar, pensar, repensar e verificar se o comportamento não está fugindo da tolerância, do amor, da compreensão e, principalmente, da mansidão do Evangelho.

Observa-se, ainda, aqueles que, para fugir da responsabilidade, mas nunca admitindo seu possível engano, usam, como saída, a clássica expressão: “Os espíritos me disseram..E então, ficam livres para impôr e agredir como quiserem.

Nem sempre o que é bom e correto para um, o é para outro. Que bom seria se todos tivessem o comportamento e o entendimento que queremos. No entanto, a mais pura expressão Cristã está exatamente em aceitar os outros como eles são e não como gostaríamos que fossem.

E isto se aplica para todos, como medida de mais fácil convivência e compreensão. Até para os médiuns e seus mentores. Nenhum Espírito Superior obriga ou exerce coação. Exatamente por isso ele é Superior.

Embora sejam discordantes as opiniões, precisam ser respeitadas. O ato de se defender um conceito não implica, ao espírita, a necessidade de exaltar-se. A mais perfeita e correta técnica de convencer alguém de alguma coisa, é estar preparado e consciente de ser convencido, também.

O PROBLEMA DO CARPINTEIRO

(Lucas, 2: 1 a 7)

Richard Simonetti

O carpinteiro José tinha um problema. Atendendo decreto de Augusto César, o governador da Síria determinara o recenseamento do povo judeu, medida adotada periodicamente em todas as províncias. Roma tinha interesse em conhecer o número de súditos que garantiam

sua prosperidade com o pagamento de pesados impostos.

Segundo o costume hebreu, ao qual os romanos adaptavam-se habilmente, a fim de evitar atritos, a população deveria submeter-se ao censo na cidade de origem. Ora, José nascera em Belém, mas residia em Nazaré, cerca de 150 quilômetros ao Norte. Daí o problema, pois Maria, sua jovem esposa, apresentava-se em adiantada gestação.

Embora preocupado dispôs-se a cumprir o dever e, com cuidados mil, iniciou a viagem. Uma semana depois o casal chegou à cidade de David. Anoitecia... Belém regurgitava de forasteiros. Estalagem lotada. José ten-' tou hospedagem em casa de família, mas conseguiu por proteção apenas singela estrebaria, situada nos arredores da cidade.

Na improvisada acomodação, à distância de qualquer conforto e com o testemunho silencioso de humildes animais, nasceu seu filho — um mensageiro divino que trazia aos homens a revelação transcendente do Amor e a alvissareira notícia da existência de um Pai soberanamente justo e misericordioso que trabalha sem cessar pela felicidade de seus filhos.

O dedicado carpinteiro de Nazaré saberia um dia que todos aqueles contratemplos estavam previstos. É que a sabedoria divina harmoniza os acontecimentos em favor do cumprimento de seus desígnios. O Embaixador do Céu deveria nascer em Belém, segundo a profecia de Mi-quéias: “E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá um condutor que há de pastorear meu povo de **Israel.**”

Em circunstâncias normais José não se abalancharia em viajar 150 quilômetros com a esposa às vésperas do parto, nem seria obrigado a procurar refúgio numa estrebaria, o que também fazia parte do planejamento divino. A missão educativa do mensageiro começaria desde o primeiro contato com os homens. A manjedoura era a primeira lição e uma das mais importantes: A Humildade.

Mas por que a Palestina como paisagem de seus ensinamentos? Não seria melhor Roma, a senhora do Mundo?

É que o povo judeu, não obstante sua belicosidade e prepotência, era o único que cultuava somente um deus — o Jeová da tradição mosaica. E a nova revelação pedia uma crença monoteísta como base.

Curiosamente, os judeus ofereceram o alicerce, mas não aceitaram o mensageiro, acabando por sacrificá-lo.

Profundamente orgulhoso de sua nacionalidade, não se conformavam com a tutela romana e aguardavam ansiosamente um vingador que, possuído do poder do Céu, viesse libertá-los conduzindo-os ao domínio de todas as nações, em gloriosa destinação. Desejavam, portanto, um guerreiro. Nunca poderiam entender alguém que falava de amor e perdão.

Pensavam num reino de força, tão perecível quanto as realizações humanas; não podiam conceber um reino do coração, tão eterno quanto as realizações divinas.

Engano semelhante tem sido cometido pelos homens de todas as épocas. Todos cultuam o Cristo que promete bênçãos eternas. Raros ouvem o Cristo que adverte: “Nem todos aqueles que dizem: “Senhor, Senhor!” entrarão no Reino dos Céus, e, sim, aqueles que fazem a vontade de Meu Pai que está nos Céus.”

Todos procuram o Cristo que beneficia. Raros aten-

dem o Cristo que orienta: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua Justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo.”

Todos desejam ser seguidores do Cristo que ilumina as estradas do destino humano. Raros observam o Cristo que recomenda: “Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei! Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros como eu vos amei!”

MAS, DE NOVO, A EUTANÁSIA ?

Therezinha Oliveira

Como erva má que reponta indesejada, de vez em quando retorna a proposta: Quando a ciência diz que o paciente é terminal, em condições irreversíveis, sem nenhuma possibilidade de sobrevivência, por que não deixá-lo morrer, simplesmente interrompendo o tratamento médico ou desligando os aparelhos que lhe sustentam a vida?

Chama-se a isso de “eutanásia passiva” e o argumento invocado para justificá-la é o da piedade.

Sempre que essa proposta retornar, perguntemo-nos, também de novo:

— Quem pode assegurar com absoluta exatidão, sem dar margem a qualquer engano fatal, que a vida do paciente esteja mesmo terminando? Casos bem documentados provam a recuperação da saúde em pessoas desenganadas pela Medicina. Teremos o direito de intervir no que ignoramos?

— Se houver permissão legal para a interrupção de tratamentos e o desligamento de aparelhos, não se poderá dar que influências econômicas, políticas ou interesses pessoais levem a situações perigosas para a vida do paciente, que está impossibilitado de opinar e se defender?

Sim, faz sofrer observar a luta de uma criatura num corpo que está em longo processo de enfermidade deses-peradora... E quantas angústias e alterações acarreta para a vida da família esse estado doloroso, a durar indefinidamente.

Aos olhos humanos, parece cruel e inútil essa dor. Espiritualmente, porém, há razões superiores presidindo o acontecimento, sempre objetivando o melhor para a criatura.

Nesse demorado processo, muitas vezes estão sendo filtrados para o campo material, os efeitos de problemas e desequilíbrios espirituais, de modo a que, depois, a pessoa esteja mais livre e purificada em relação à vida imortal. Aliviar, confortar, suavizar, sim. Mas interromper a filtragem seria condenar o paciente a continuar carregando consigo as matrizes da dor, no campo da vida além, a se reproduzir depois em nova encarnação, em vez de alcançar a liberação programada pelas leis da vida.

Quem sabe, nesse estado, não estará a criatura aprendendo a reconhecer a existência do verdadeiro e desinteressado afeto, no qual não acreditava? Tendo a oportunidade de observá-lo no devotamento com que alguém o trate, agora que nada tem a oferecer e somente recebe, passará a conhecer e sentir o amor, enriquecendo a alma com esse patrimônio divino.

Talvez precise a criatura dessa torturante e prolongada agonia para, psicologicamente, aceitar o desligamento total e definitivo em relação ao corpo. Abreviar o processo será soltar no espaço fluídico alguém ainda sem preparo para os vôos maiores da alma.

Estas e outras razões espirituais, que ainda ignoramos, podem estar presidindo a situação aflitiva que, por enquanto, somente sabemos analisar de modo superficial, tirando conclusões apressadas e inverídicas.

Desconhecendo, também, esses motivos e de raciocínio alterado pelo sofrimento, o enfermo pode até pedir que o matem, como por exemplo, confessa haver feito o cantor Ronnie Von, na difícil e dolorosa enfermidade que sofreu. Felizmente, não lhe atenderam o pedido e ele veio a se recuperar... E se alguém, sob o pretexto da piedade ou do amor, o houvesse atendido? É por isso que ele e outras pessoas, que sobreviveram e se recuperaram quando ninguém mais esperava, dão seu testemunho contrário à eutanásia, ativa ou passiva.

Na dúvida, abstém-te — é a regra sábia de prudência. Seja ela aplicada, também, ante as

sugestões para a eutanásia.

Esperemos, ao menos, que a Ciência progrida mais para chegar ao ponto de poder definir, com segurança, quando o corpo realmente não oferece mais qualquer ensejo de prosseguimento da existência na Terra.

Aguardemos que a humanidade alcance maior progresso moral, para que a permissão legal não venha a ser desvirtuada pelo egoísmo e a ambição.

Por enquanto, reconhecendo nossa própria ignorância e imperfeição humanas, evitemos intervir, voluntariamente e de modo tão definitivo, para a destruição daquilo que não entendemos inteiramente e não sabemos nem podemos, de nós mesmos, criar: a vida.

Usemos, antes, a nossa real piedade para ficarmos lado a lado dos enfermos terminais, a infundir-lhes a fé e a resignação de que precisam, no momento em que a dor e a morte lhes provam os valores da alma para mais ascender na direção da luz.

DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

Sérgio Lourenço

“No sentido Espírita-Cristão, desenvolver mediunidade é aprimorar nossa capacidade de relacionar-nos com os Espíritos, incorporando-nos aos servidores do Evangelho que labutam para a regeneração dos aprendizes da escola terrena. É nossa educação psíquica.”

Roque Jacintho

Atualmente a humanidade se defronta com uma in-contida explosão de fenômenos mediúnicos, fenômenos esses que tem levado a Ciência, a ficar perdida no emaranhado das teorias.

A mediunidade não é mais um fenômeno localizado. Não é mais privilégio de alguns poucos iniciados. Tomou um rumo tão abrangente, que as correntes que antes, sistematicamente a combatiam, hoje já se encontram perplexas e sem explicação.

Os fenômenos de efeitos físicos revolucionam. Os fenômenos de efeitos inteligentes esclarecem. E com isso raros são os núcleos familiares que não sentem essa nova e atuante manifestação em seu meio. Geralmente precedidos de muita dor e desequilíbrio, conseqüências da teimosia em não aceitar o óbvio.

As Ciências que cuidam da psiquê humana têm procurado, em vão, explicações simplistas no comportamento das vítimas nesta vida. Chegam até onde podem. Depois, vem o sobrenatural. Vem o inexplicável. Vem o mistério.

Nesse concerto todo de desarranjo, vem o Espiritismo como disciplinador dos fenômenos. Aparece tomando vulto e prestígio na sociedade e nos eventos do gênero.

No entanto, como tudo em Espiritismo, o trabalho me-diúnico precisa e deve ser conduzido com seriedade e estudo. É de fundamental importância que o médium conheça bem o que seja mediunidade, seus efeitos, sua utilidade e, acima de tudo, seu desenvolvimento.

A primeira fonte de estudo dessa área, fica com o LI-I/RO DOS MÉDIUNS, do mestre Allan Kardec que dedicou um capítulo da Codificação, pela importância do assunto, para sua explicação.

É ele que em “O Livro dos Médiuns” ressalta que as Casas Espíritas que desejam atrair a simpatia dos Espíritos bons, obtendo boas comunicações e afastando as más, devem guardar as seguintes condições e que dependem inteiramente das disposições morais dos assistentes:

“Perfeita comunhão de idéias e sentimentos;

Benevolência recíproca entre todos os membros;

Renúncia de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;

Desejo uníssono de se instruir e de melhorar pelo ensinamento dos Espíritos bons e aproveitamento de seus conselhos.”

O aprimoramento do médium é uma medida que não pode ser esquecida, tendo como conseqüência sua reforma interior por causa básica.

Na prática espírita, outros caminhos didáticos foram explorados. Inteligências encarnadas procuram, através desses caminhos, popularizar e, didaticamente ensinar com mais facilidade os ensinamentos do Mestre.

Como é a Doutrina Espírita uma obra que exige conhecimento, para nós, o desenvolvimento correto do médium e da mediunidade merece, também, um cuidadoso ensino.

É preciso estudar com seriedade o tema e seguir na prática com as lições morais que não

correrá o medianoite, o risco de variantes e dúvidas no caminho. Tudo isto porque devemos considerar o desenvolvimento do médium e da mediunidade, um assunto palpitante e tão reclamado no momento.

LIBERDADE

“Conhecereis a Verdade e a Verdade vos fará livres”. (João, 8: 32)

Richard Simonetti

Uma das aspirações mais caras ao Homem, em todos os tempos, tem sido a liberdade, que, na definição usual, significa **poder fazer, deixar de fazer ou escolher, segundo sua própria determinação.**

Sob inspiração desse desejo muitas pessoas, consciente ou inconscientemente, anseiam por livrar-se de situações que consideram um obstáculo ao seu bem-estar.

O doente aspira superar seus males...

O médium pensa em deixar a tarefa e ver-se isento de compromissos que se lhe afiguram muito pesados...

O chefe de família, atrelado a obrigações e responsabilidades, lembra com saudades o tempo em que não precisava dar satisfações a ninguém...

O filho, submetido à autoridade paterna, anseia por desfrutar de mais amplas possibilidades de movimentação, longe da disciplina que lhe é imposta...

Na verdade, todos aqueles que cultivam estas idéias, interpretam erroneamente a situação em que a Vida os colocou, candidatando-se ao desajuste e precipitando-se, não raro, no desastre em relação aos seus deveres e proações.

Sob **inspiração do desejo mal orientado de liberdade**, o doente compromete o funcionamento de órgãos vitais, por resvalar para estados depressivos e angustiosos próprios de quem não se conforma com seus males; o médium com tarefas definidas começa a faltar aos seus compromissos, hoje por motivo razoável, amanhã por motivo fútil, depois sem motivo algum, culminando com o enterro do dom que lhe fora concedido por empréstimo e do qual terá que prestar contas um dia; o chefe de família, esquecendo a consideração e o respeito que deve à esposa e filhos, parte para experiências extraconjugais, que fazem a infelicidade do lar; o filho deixa a casa paterna, seja pela porta

do matrimônio precipitado ou da aventura distante, que lhe impõem amargos desenganos.

Sempre que nos empolgamos pelo impulso de “mandar tudo para o inferno”, desertando de compromissos e deveres porque nos parecem insuportáveis, caímos em perigosa faixa mental de rebeldia e desatino, candidatando-nos a longos períodos de perturbação, agravados por atitudes irremediáveis ou palavras irreparáveis em relação àqueles com os quais convivemos.

Por isso, antes de pensar em liberdade o Homem precisa verificar se realmente está numa prisão.

Enfermidade não é prisão. Situa-se muito mais como tratamento de beleza para o Espírito. As dores que impõe ao corpo efetuam a limpeza da Alma. Por isso, se é justo que desejemos a cura, não menos justo é que recebamos nossos males com humildade, reconhecendo que se a doença está em nós é porque ainda precisamos dela.

Mediunidade não é prisão. Trata-se de uma oficina bendita de trabalho espiritual, que possibilita ao médium a edificação de um futuro de bênçãos. O que seria da criatura humana sem essa porta de contato com a Espiritualidade, através da qual o Céu fala à Terra, inspirando ideais de renovação e progresso? Quando os médiuns compreendem o significado dessa faculdade sublime que os ajuda incessantemente nos propósitos de espiritualização — principal finalidade da jornada humana — então as tarefas mediúnicas serão tão desejadas e cultivadas quanto o são hoje o conforto e a riqueza.

Matrimônio não é prisão. Temos nele uma escola bendita instituída por Deus, onde aprendemos a conjugar os verbos perdoar, compreender, tolerar, sacrificar, renunciar, aprimorando-nos para a conquista do amor sublimado e puro que encontra no carinho que os pais devotam aos filhos apenas uma de suas expressões mais simples, alcançando no ideal de servir incessantemente que caracteriza os santos, a sua manifestação mais autêntica.

Disciplina paterna não é prisão. Mais exato é reconhecer nela a defesa que a experiência deve impor em benefício da inexperiência. Grande é o número de filhos rebelados contra a orientação dos pais, considerando-os “quadrados” e superados, mas bem maior é o número de pais que lamentam as tolices e os erros lamentáveis cometidos na mocidade, por terem seguido o mesmo caminho de rebeldia.

O que nos leva a considerar estas situações como prisões sombrias contra as quais batemos a cabeça em gestos de desatino e incoerência, são os sentimentos inferiores que moram no íntimo de nossa personalidade, a manifestarem-se na forma de vícios e paixões, bem como a irresponsabilidade, a indiferença, a revolta, o desespero, o pessimismo, a intolerância, a agressividade, a maledicência, a incompreensão e muito mais.

Estas são as grades que nos oprimem, mantendo-nos distanciados da paz e do equilíbrio! É o mal que está dentro de nós que nos leva a enxergar o mal onde estamos!

Por isso, a liberdade que buscamos não deve orientar-se no sentido exterior, e, sim, interior.

Não se trata de modificarmos as situações da Terra, geralmente fruto de um planejamento que nós mesmos efetuamos no plano espiritual, quando escolhemos o tipo de corpo que teríamos, os nossos pais, a nossa posição social, os nossos compromissos conjugais, as nossas tarefas. O que precisamos modificar, com urgência, se pretendemos ter paz, é a nós mesmos. Busquemos liberdade para nosso Espírito, livrando-o dos grilhões pesados que forjamos quando nos deixamos dominar pelas nossas mázelas. Então seremos verdadeiramente livres, ainda que atrelados a compromissos e limitações da Terra.

LIVRE ARBÍTRIO

Therezinha Oliveira

Constatamos, na vida diária, que somos livres para a prática de determinados atos e impedidos de levar outros a efeito. A liberdade para os primeiros nos vem: de os sabermos praticar, de termos os meios para o fazer, de não haver oposição superior às nossas forças e natureza. O impedimento resulta exatamente do contrário: de não sabermos executar uma ação, de nos faltarem os meios ou de estarmos constrangidos por limites naturais ou força superior à nossa.

Livres para decidir e fazer alguma coisa, é preciso, ainda, que a nossa vontade se manifeste, sem o que a ação possível não se concretizará. Feita a opção, praticado o ato, não poderemos fugir à responsabilidade por seus efeitos, passando a viver, desde então, nos limites dos novos fatores que provocamos.

Muitos dos impedimentos atuais para o nosso livre arbítrio refletem as escolhas anteriores que fizemos, nesta ou em outras existências, tirando-nos o direito a quaisquer reclamações.

Nem todos os impedimentos, porém, têm essa causa. Há os que se fundamentam em nossa ignorância. Atos que não sabemos executar hoje, podem ser aprendidos, fazendo cessar a limitação existente para franquear novo campo de realizações. E há os que resultam do constrangimento por força superior. Estes, podem ser vencidos pelo desenvolvimento de nossas próprias forças. Podemos agir sobre as causas dos acontecimentos que nos parecem insuportáveis ou desenvolver nossa paciência o suficiente para neutralizar a ação irritante.

Para cada situação há sempre uma saída, significando a liberdade de pensar e de agir que temos ante todos os acontecimentos e que nos permitirá enfrentá-los, contorná-los, superá-los, se o quisermos.

Estamos, pois, ante — e não sob — os problemas e injunções da vida, com possibilidades variadas de modificar o painel de nossa existência atual, conforme o desejarmos, sabendo que, para tanto, apenas é preciso saber como agir e querer agir.

Porque o livre arbítrio acarreta responsabilidade, a misericórdia divina nos conduz pelo guia seguro do instinto, até que estejamos aptos a uma -escolha racional. E a espiritualidade superior orienta — apenas orienta — a vontade vacilante. E certas leis regem nossa existência em caráter subjugador, até que, conhecendo e usando elementos superiores, possamos agir além delas, porque a evolução nos permitirá usar de recursos novos dentro de leis mais amplas.

Assim, por mais sofra e se desespere a criatura ante as imposições da existência, forçoso é reconhecer que, onde lhe falta liberdade é porque ainda não desenvolveu as suas faculdades latentes (então que o faça) ou porque recebe o efeito de seus atos infelizes (então que os suporte e lhes corrija as causas).

A quem pese demasiado o jugo dos próprios erros, aí está o convite amoroso do Cristo: “Vinde a mim, vós que vos encontrais sobrecarregados e eu vos aliviarei.” A quem anseia por ação em maior liberdade, o caminho para conseguí-la já foi ensinado: “Se permanecerdes em minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.”

DEVERES FUNDAMENTAIS

Sérgio Lourenço

Dizem os dicionaristas patrícios que o dever é, em suma, uma obrigação. Com base no dever, tem o homem, no curso da História, caminhado pela vida.

Tem, o homem, deveres sociais, cívicos, políticos, profissionais, etc. que, sempre e obrigatoriamente procura cumprir, ou pelo menos, dar conta de sua necessidade.

No entanto, esses deveres representam apenas o comportamento do homem que vive em sociedade, e com ela contacta, no curto período que vai da maternidade ao túmulo.

Esses deveres são cumpridos porque, coercitivamente, a sociedade os impõem aos seus

membros. Quem deles quiser fugir e tiver meios para isso, pode fazer sem que alguma conseqüência maior lhe acarrete.

Convencido de que a vida não começa na maternidade e nem termina no túmulo, o homem assume, conseqüentemente, outros deveres que fogem da análise e da coação social.

Esses deveres são, sem dúvida, assumidos espontaneamente e servem de base para o progresso e a redenção de sua alma.

Allan Kardec, na sua monumental obra de Codificação do Espiritismo, seguindo os princípios já definidos por Jesus Cristo, elegeu a Caridade como meio de salvação única para o homem.

No entanto, para que se possa chegar conscientemente à aplicação da Caridade como a entendia Jesus, configurada na indulgência, na benevolência e no perdão das ofensas, o homem tem que estar convicto de seus deveres fundamentais.

Ninguém alcançará a salvação somente através da Caridade. O exercício de tão nobre e puro sentimento, é sempre uma conseqüência. Antes é absolutamente necessário estar convencido e cumprir, com disposição, os três deveres fundamentais que temos com a Criação e que são:

1 — Dever para com Deus;

2 — Dever para consigo mesmo; e,

3 — Dever para com o próximo.

A Lei de Deus, imutável e sem nenhuma exceção, é a Lei do Amor. O amor implantado entre Seus filhos, é uma condição de respeito ao Senhor. Como podemos reivindicar de Deus suas benesses se não cumprimos suas recomendações? Cumprir a Lei Divina e amá-Lo sobre todas as coisas é, antes de tudo, um dever, uma obrigação.

E para amar a Deus, cumpre ao homem aceitar seus desígnios. Compreender que a dor que Ele impõe é uma necessidade e a prova de Seu amor. Aquele que vive insatisfeito ou que não aceita determinadas situações, revoltando-se, não cumpre o primeiro dever que a existência e progresso lhe confere.

No entanto, quando o homem, despreendido, convicto, servo, racional, respeita e aceita Deus e Sua Lei, já cumpriu o primeiro dever.

Após isso, pode voltar-se para o segundo que é amar-se a si próprio. E esse amor jamais pode ser confundido com egoísmo. É conhecer-se, controlar suas paixões inferiores, transformar-se para melhor, é, enfim, ocupar-se de muita renúncia, muita tolerância e muita compreensão.

Aprimorados esses sentimentos interiores, — não porque a isso está condicionado; mas porque convenceu-se de sua absoluta validade para uma mais efetiva convivência, — estará, o portador de tão valioso tesouro, apto a compreender e amar o seu semelhante.

Quando Jesus recomenda que devemos amar o nosso próximo da mesma forma que nos amamos intimamente,

é evidente que primeiro, precisamos cultivar em nossa vida o sublime sentimento, para, depois, distribuí-lo. Ninguém pode dar o que não tem.

Assim, a Caridade, como salvação, pressupõe o dever de cumprir determinado comportamento. Essa é uma exigência insofismável. A Caridade material é o cumprimento de um dever social. É o começo para muitos e a conseqüência natural para poucos.

A humanidade e, particularmente os espíritas, precisam começar pelo cumprimento desses três deveres fundamentais se almejam o progresso espiritual, e a felicidade após a experiência da transição pelo túmulo.

ONDE ESTEVE JESUS?

(Lucas, 2: 41 a 52)

Richard Simonetti

Segundo a tradição, os judeus deviam visitar Jerusalém três vezes, anualmente: na Páscoa, em que se comemorava a fuga do Egito; no Pentecostes, chamada festa da colheita, pelo advento da Tábua dos Dez Mandamentos e na Festa dos Tabernáculos, assim denominada porque durante os sete dias de sua duração os participantes habitavam tendas ou cabanas, lembrando o tempo em que os ancestrais peregrinavam pelo deserto.

Relata o evangelista Lucas, que estava Jesus com 12 anos quando acompanhou seus pais à cidade santa, nas celebrações da Páscoa.

Cumprida sua obrigação, os judeus residentes no interior partiram, de regresso a seus lares. Havia muita gente pelas estradas, com famílias amigas formando grupos, o que,

certamente, fazia da viagem uma alegre excursão. Fácil conceber que a criança caminhava mais ou menos à vontade, razão pela qual somente ao anoitecer José e Maria deram pela falta de seu filho. Na manhã seguinte retornaram, ansiosos, a Jerusalém. Durante três dias procuraram Jesus, infrutiferamente. Encontraram-no, finalmente, no Templo.

Surpresos souberam que durante aquele tempo todo Jesus estivera entre os Doutores da Lei a fazer-lhes perguntas. O curioso em seu contato com os experientes intérpretes das Escrituras não fora apenas o seu interesse — afinal, era apenas um garoto — mas, sobretudo, a natureza das questões propostas e seus próprios comentários, revelando viva inteligência e uma precocidade incrível.

Com a delicadeza de sempre Maria o admoestou:

— Filho, porque procedeste assim conosco? Teu pai e eu andávamos à tua procura, cheios de aflições!

E Ele, carinhoso:

— Porque me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar na casa de Meu Pai?

Nem José nem Maria entenderam a resposta, mas, aliviados, partiram com o menino, retornando a Nazaré. O evangelista Lucas termina a narrativa do episódio dizendo que Maria guardara, no coração aquelas palavras e que Jesus crescia em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens.

Esta é a única notícia que temos de Jesus na adolescência. Muito se tem especulado sobre seu paradeiro até o início do apostolado, aos trinta anos. Vários estudiosos tentaram definir o que fez o Mestre durante o largo espaço de tempo omitido no relato dos evangelistas.

Teria estado na Índia? No Egito? Na China? Talvez tenha estagiado entre os essênios... Há quem julgue provar que Ele visitou muitos países, iniciando-se nas ciências ocultas, nos mistérios esotéricos, nos princípios da ioga, para depois apresentar-se dotado daquela sabedoria incomparável e da incrível capacidade de operar prodígios, virtudes que fizeram dEle a maior figura da Humanidade.

Todavia, a narrativa de Lucas dispensa qualquer estudo no sentido de definir-se a origem dos conhecimentos e dos poderes do Cristo. Já aos 12 anos Ele revelava-se o sábio dos sábios, consciente de sua grandiosa missão, o que demonstra ao responder a Maria: “Porque me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar na casa de Meu Pai?”

O Mestre usa o Templo, lugar de veneração e culto a divindade, como símbolo para definir seu propósito de cuidar dos interesses de Deus.

O assombro dos doutores da Lei demonstra que aquele menino não tinha nada a aprender entre essênios, chineses, hindus, egípcios...

Segundo Emmanuel, Jesus foi nomeado governador da Terra quando ela era apenas um projeto do Criador. Preposto de Deus, Ele presidiu a formação do globo terrestre, há cerca de dez bilhões de anos e supervisionou todos os seus programas evolutivos. Pastor bendito, responsável por bilhões de Espíritos encarnados e desencarnados que compõem a Humanidade, nos conduz, segundo a expressão feliz do salmista, “pelas veredas retas da Justiça”.

Sua vinda à Terra foi o acontecimento maior da História. Era o supremo dirigente planetário que descia das Alturas, submetendo-se à ignorância e à maldade de Espíritos primitivos a fim de fecundá-los para o Bem, oferecendo-lhes a suprema revelação — O AMOR — síntese dos programas do Criador.

Jesus, por isso, transcendia as limitações humanas, apresentando-se, desde a infância, em plenitude de conhecimento e sabedoria, o que originou a eloquente resposta a Maria.

De sua missão e grandeza, do que Ele significou para os homens, nos diz bem Manoel de Quintão nestes magníficos versos:

AD VITAM AETERNAM.

Num doce, estranho e amoroso rito, noivaram-se afinal;

Ele, baixando meigo do Infinito,

Ela, subindo êxul de um lodaçal.

Por prevenir os esponsais, um grito de amor percorre o Universo inteiro... circunscreve-se o Mal... toucam-se os astros de um fulgor faceiro, e há por montes e vales um bendito sorriso triunfal!

No seu covil esconde-se o chacal; a veiga incensa a flor;

Freme no bojo mudo a própria argila, e o verme, e a flor, e a estrela que cintila, tudo ressumbra Amor!

De em torno à Terra, menestréis alados descem, hosanas conclamando, e, a cada beijo do Céu, a Terra fecundada proclama o seu Senhor!

Ei-los no templo, enfim; Ela, a criança, sorrindo ao seu olhar...

Ele, no olhar levando-lhe a esperança de um futuro melhor...

E nunca mais oh! nunca o Tempo há de separá-los na senda da Verdade que o consórcio traduz:

Chama-se a humilde noiva — HUMANIDADE, Chama-se Ele — JESUS.

A RESSURREIÇÃO DE JESUS

Therezinha Oliveira

Ressurgindo após a morte física, Jesus apareceu várias vezes aos seus seguidores, comprovando a sobrevivência do espírito ao corpo.

Nessas aparições, geralmente não O reconheciam em sua nova aparência. Unicamente o modo de falar e agir acabavam por identificá-Lo.

Na estrada de Emaús, caminhou com dois discípulos que só O identificaram mais tarde, na hospedaria, no partir do pão.

No Jardim das Oliveiras, Madalena, de início, pensou fosse Ele o hortelão e apenas O reconheceu ao seu chamado: “Maria!”

No Mar de Tiberíades, vários apóstolos e discípulos que dialogaram com Ele na praia, somente ante uma nova pesca maravilhosa perceberam que era Jesus.

Não O reconheceram, de imediato, porque não foi com o corpo de carne que Jesus ressurgiu mas, sim, com o seu corpo espiritual. E o perispírito, feito de substância fluídica, pode guardar ou não as aparências físicas anteriores, conforme o espírito as mentalize ou não.

Jesus, espírito imortal, não pereceu com o corpo. Sobreviveu a ele, porque antes dele já existia. Com o corpo espiritual, que também já possuía antes de encarnar na Terra, continuou a viver em outro plano, invisível aos nossos sentidos comuns.

Para manifestar-se aos amigos que deixara neste mundo, utilizou-se do corpo fluídico que, por ser diferente do corpo material, não o fazia de pronto reconhecido por eles.

Quando necessário, Jesus densificou o corpo fluídico e nele mentalizou não só a aparência física anterior mas, até mesmo, as chagas no peito, mãos e pés. Foi assim, materializado temporariamente, que apareceu aos apóstolos reunidos e convidou Tomé a tocá-lo para crer, uma vez que não soubera confiar nos relatos de seus companheiros.

Não, não foi com o corpo de carne que Jesus ressurgiu. Nem nós ressurgiremos assim. Como o nosso Mestre, ressurgiremos espiritualmente; e na medida das nossas possibilidades, nos manifestaremos ou não de novo neste mundo, através do corpo espiritual que conservamos, instrumento perfeito e adequado para a vida além, de onde um dia viemos e na qual continuaremos a viver.

E o corpo carnal de Jesus? Não foi preservado, talvez para evitar que os homens lhe dessem demasiada importância e o arrastassem de cá para lá, em disputas e exibições vãs.

Não é a carne de Jesus que precisamos reverenciar e amar. É o seu espírito, sábio e amoroso, que um dia aceitou nascer entre nós e, durante pouco mais de trinta anos, a todos nos ensinou a viver como Filhos de Deus.

A VISITA

Thereznha Oliveira

Senhor, hoje a Dor está me visitando...

Acomodou-se toda dentro de mim e trouxe-me notícias tuas.

Falou-me como era bom ter saúde, força, paz, agora ausentes.

Dons teus, que me prodigalizavas, Senhor! E eu nem me apercebia. Gozava-os, apenas.

Agora, deles carente, os valorizo tanto!...

Como é eloquente a Dor, Pai!... E como é sábia!

Mostrou-me que, no equilíbrio da vida universal, há limites naturais. No corpo, na convivência com os seres, no meio ambiente...

Impensadamente os quebrei, no meu existir. Pelas barreiras rompidas, Ela chegou a mim.

Graças, Senhor, pela visita dolorosa e disciplinadora da Dor.

Ela não vai ficar comigo para sempre, bem sei. Um dia partirá. Quando se for, terá deixado comigo seu presente de luz: a compreensão.

E, por compreender, estarei mais perto de Ti.

JULGAMENTOS

Therezinha Oliveira

Neste nosso mundo, farto de erros, fácil de quedas, os acontecimentos parecem estar nos oferecendo sempre ensejo à crítica, ao julgamento, à condenação. Somos espontâneos em aceitar a desconfiança do mal, demorados em agasalhar a certeza do bem. Os ditos populares deixam transparecer essa constante da alma humana, sussurrando insistentemente: “Nem tudo que reluz é ouro”, “Um í homem prevenido vale por dois”. “Confiar desconfiando sempre”.

Pelo muito que cultivamos essa prevenção anti-cristã contra o próximo, fazemos do homem, criatura de Deus, um ser condenado, maldito, irremissível. Espírito nublado pelo orgulho, que não aceita sofrer, e pelo egoísmo, que teme doar, nos tornamos blasfemos acolhendo a idéia íntima do mal presente e dominante em nosso próximo, sem lembrar que ele é obra de Deus.

Paulo nos afirma, porém: “... a caridade não suspeita mal” (Coríntios, cap. 13, v. 1) e Jesus nos ensina: “A candeia do corpo é o olho”. Lembrássemos essas verdades eternas e teríamos mais cuidado quando a irreflexão nos tentasse arrastar ao acatamento da calúnia, da dúvida, da descrença.

Justo é se analisem fatos, comparem assertivas, verifiquem obras, porque a verdade é luz benfeitora, que devemos alimentar com zelo e fidelidade. Acontece, porém, que o coração humano ainda não tem por moradora habitual a caridade e o entendimento comum é o “olho mau” de que falou Jesus e que nos torna tenebroso o corpo todo.

Por isso, julgar é tarefa perigosa. Quando a ela nos dispomos, sob o pretexto de amor à verdade, espíritos menos esclarecidos acorrem a infiltrar entre nós pensamentos malignos, idéias destruidoras. Incautos, damos guarida à mensagem nefanda, laboramos com ela e a difundimos, porque ela corresponde ao nosso desejo íntimo de destruição. Acabada a carga explosiva, nos detemos. À nossa volta, a paz se desfez em desequilíbrio, a

confiança em revolta, a união em desavença.

Soe acontecer, no entanto, que a Verdade real se levanta, calma, das ruínas que ajudamos a promover, e nos fita impávida. Os insufladores se foram, abandonando-nos à responsabilidade inteira do erro. Passou a onda revolta da maledicência e do descrédito, perduram os fatos da nossa ignorância e fraqueza, que foram a brecha infeliz para a insídia das trevas nas obras da luz. Quanto remorso e que vergonha, então! E os escombros por remover, o trabalho por recomeçar, a fraternidade por reconstituir! ...

Tudo porque nos comportamos na ausência do Evangelho, em que vibram, simples e imortais, as advertências sábias e compassivas do Mestre. Conhecedor profundo das nossas debilidades de alma em crescimento, aconselhou-nos a mansidão das pombas, a prudência das serpentes e alertou-nos sobretudo:

— “Não julgueis, para não serdes julgados”.

TEREMOS O QUE DOAMOS

Sérgio Lourenço

“Um dia, que será noite em teus olhos, deixarás pratos cheios e móveis abarrotados, cofres e enfeites, para a travessia de grande sombra; entretanto, não viajarás de todo nas trevas, porque as migalhas do amor que tiveres distribuído, estarão multiplicadas em tuas mãos como bênçãos de luz.”

Meimei

Atualmente tem sido a humanidade atingida por uma preocupação materialista que chega a assustar. Em todas as ocasiões só se ouve falar de como e onde aplicar os bens.

Poucos, embora existam, apresentam preocupação mais sublime. Poucos se interessam em acudir aqueles mais necessitados. Poucos se voltam para solucionar as dores dos aflitos.

As grandes desgraças que a imprensa vem relatando diariamente, provocam reflexões mais profundas, mas, de concreto, para aqueles infelizes que transitam ao nosso lado, nenhuma solução oferecemos.

E esse fenômeno é comum a todos os caminhos religiosos. Nunca se falou tanto em Jesus como atualmente. Nunca se esteve tão distante dEle como hoje.

As Nações consomem valores incalculáveis em objetos e meios de destruição. A

humanidade vive perplexa diante de tanta violência. No entanto, populações inteiras passam fome. Lutam com o flagelo das epidemias e concorrem com o abandono.

As instituições de caráter assistencial, de todas as filosofias religiosas que se dedicam a minorar um pouco a carência do semelhante, vive, constantemente lutando para continuar seus abençoados fins. Zelas almas, poucas, oferecem seu tempo e, geralmente poucos recursos, para essa finalidade.

Quantas criaturas sem ter o que vestir, e, quantos armários lotados! Quantas mesas vazias e quantos se ban-queteando em seus lares, em um desperdício louco!

Resta-nos meditar nas palavras de advertência desse esplendoroso espírito Meimei. Que essa clarinada sirva de chamamento a todos. Que se forme a grande cruzada em torno das recomendações de Jesus.

Se nada é possível ser feito sozinho, vamos entregar nossos esforços e nossas contribuições àqueles poucos que estão engajados no atendimento aos semelhantes.

De uma coisa não mais podemos ficar ignorantes: teremos, amanhã, aquilo que hoje doamos. É a Lei.